

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

**CARTAS DE ACONSELHAMENTO:
ESPAÇO DIALÓGICO DA
SOCIOCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SI**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PPGL

Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques

Santa Maria, RS, BRASIL

2009

**CARTAS DE ACONSELHAMENTO: ESPAÇO DIALÓGICO
DA SOCIOCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SI**

por

Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Lingüísticos.

Professora orientadora: Prof^a Dr. Vera Lúcia Pires

Santa Maria, RS, BRASIL

2009

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus porque Dele e para Ele são todas as coisas.

À professora Vera não só pela orientação, mas também pela amizade, pelos conselhos, pelo incentivo, pelas oportunidades que colocou no meu caminho.

Às colegas Ana Beatriz, Ana Nelcinda, Fátima, Gabriela, Graziela, Karina, Márcia, Vitor. Alberto e àqueles, que de uma maneira ou de outra, colaboraram com este trabalho.

Ao meu marido, Nairo Marques, pelo apoio incondicional, pelas palavras sábias, que não me deixaram retroceder nos piores momentos. Agradeço pelo amor e pelo incentivo constante.

Aos meus pais e a minha irmã que sempre me apoiaram.

Às amigas de apartamento, que me escutaram nos momentos de incertezas.

Aos professores do PPGL.

À CAPES pelo apoio financeiro, imprescindível para desenvolvimento deste trabalho.

À professora Cristiane Fuzer, quem me apresentou o mundo da pesquisa.

Às professoras Najara, Ivani e Désirée que se dispuseram a ler este trabalho.

Aos funcionários do PPGL.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

CARTAS DE ACONSELHAMENTO: ESPAÇO DIALÓGICO DA SOCIOCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SI

AUTORA: MARIA DO SOCORRO DE ALMEIDA FARIAS-MARQUES

ORIENTADOR: VERA LÚCIA PIRES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 12 de março de 2009.

Este trabalho tem como objetivo analisar os índices de modalização presentes no gênero discursivo *carta de aconselhamento* a fim de observar como eles auxiliam na construção da imagem de si. Estamos interessadas na análise da imagem que as autoras dessas cartas constroem no seu discurso. Como segundo objetivo, pretendemos verificar se os discursos dessas cartas rompem com o estereótipo tradicional da figura feminina e seu papel social ou pontuam papéis tradicionais. O *corpus* deste trabalho é composto por seis *cartas de aconselhamento*, publicadas na coluna *Consultório Sentimental* da revista *Veja.com* e assinada pela colunista Betty Milan. A análise foi realizada com base nos preceitos de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso, da noção de ethos discutida por Amossy (2005) e Maingueneau (2001, 2005, 2008) e de Kerbrat-Orecchioni (1980) acerca dos índices de modalização. Os estudos de Bakhtin foram usados para analisar as *cartas de aconselhamento* enquanto gêneros do discurso, considerando seus constituintes (tema, estilo e composição) e sua autoria. Com os estudos sobre mídia e construção social de gênero pretendemos apontar o papel da mídia na veiculação dos papéis sociais de mulheres e homens nas relações sociais. Estas são construídas na interação entre mulheres, homens e sociedade.

Palavras-chave: gênero discursivo, ethos, mídia, índices de modalização, relação social de gênero

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

ADVICE LETTERS: A DIALOGICAL SPACE OF SOCIOCONSTRUCTION OF SELF IMAGE

AUTORA: MARIA DO SOCORRO DE ALMEIDA FARIAS-MARQUES
ORIENTADOR: VERA LÚCIA PIRES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 12 de março de 2009.

The aim of this work is analyze the rates of modalization in the discursive genre *advice letter*, in order to observe how they help in the construction of self image. We are interested in the analysis of images that the authors of letters build in their discourses. As second objective, we intend to verify if the discourses of the letters break with the traditional stereotype of female figure and its social role or pointed traditional roles. The *corpus* of that work is compound for six *advice letters* published in the column *Consultório Sentimental* of *Veja.com* Magazine and signed by the columnist Betty Milan. The analysis is made based in the rules of Bakhtin about the genres of discourse, the notion of ethos discoursed by Amossy (2005) and Maingueneau (2001, 2005, 2008) and of Kerbrat-Orecchioni (1980) about the rates of modalization. The studies of Bakhtin were used to analyze the *advice letters* while genre of discourse, considering their constituents (theme, style, and composition) and theirs authors. As the studies about media and social construction of genre, we intend to point the role of media in the spread of social roles of women and men in social relations. These are built in the interaction among women, men and society.

Key-words: discursive genre, ethos, media, rates of modalization, social relation of gender.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ESQUEMA DOS ADJETIVOS.....	34
FIGURA 2: ESQUEMA PROPOSTO POR LONGACRE (1992) PARA ANÁLISE DOS TEXTOS EXORTATIVOS.....	67

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS	36
QUADRO 2: RELAÇÃO DOS EIXOS DE PRESSUPOSIÇÃO E DE AFIRMAÇÃO ELABORADO POR DUCROT	39
QUADRO 3: OPOSIÇÃO TRADICIONAL ENTRE MULHERES E HOMENS.....	49
QUADRO 4: AS MULHERES NO TEMPO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE	50
QUADRO 5: AS MULHERES NO TEMPO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE	50
QUADRO 6: CLASSIFICAÇÃO DAS CARTAS POR ASSUNTO.....	58
QUADRO 7: SEÇÕES DA REVISTA <i>VEJA</i> IMPRESSA.....	60
QUADRO 8: SEÇÕES DA REVISTA <i>VEJA.COM</i>	61
QUADRO 9: QUADRO COMPARATIVO DAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DA IMAGEM FEMININA.....	78

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
LISTA DE FIGURAS.....	6
LISTA DE QUADROS.....	7
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NATUREZA DA LINGUAGEM.....	13
1.1.2 GÊNEROS DISCURSIVOS.....	17
1.1.2.1 TEMA, ESTILO E COMPOSIÇÃO	21
1.1.2.2 TEMA	21
1.1.2.3 ESTILO.....	22
1.1.2.4 COMPOSIÇÃO	23
1.1.3 AUTORIA NOS GÊNEROS DO DISCURSO.....	24
1.2 ETHOS: A IMAGEM DE SI NO DISCURSO	25
1.2.1 ENUNCIÇÃO E O REAPARECIMENTO DA NOÇÃO DE ETHOS NA CIÊNCIA DA LINGUAGEM	26
1.2.2 ETHOS PRÉVIO.....	29
1.2.3 ETHOS E MODALIDADES ENUNCIATIVAS	30
1.3 AS MULHERES NA HISTÓRIA	41
1.3.1 O SILÊNCIO DAS MULHERES.....	41
1.3.2 A HORA DAS MULHERES	42
1.3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA DEFINIÇÃO DO TERMO GÊNERO.....	47
1.4 MÍDIA E CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO	48
1.5 VEJA IMPRESSA E VEJA.COM.....	53
CAPÍTULO 2	55

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	55
2.1 SOBRE O CORPUS	56
CAPÍTULO 3	64
ANÁLISE.....	64
3.1 ORGANIZAÇÃO CONTEXTUAL E TEXTUAL DAS CARTAS DE ACONSELHAMENTO	65
3.2 ANÁLISE DOS ÍNDICES DE MODALIZAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS...69	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXOS.....	86

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Lingüística Aplicada tem buscado novas possibilidades de teorizar e de fazer lingüística numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, comunicando teorias de campos diversos, que investigam a relação entre vida e sociedade. As teorias *queer*, as teorias pós-estruturalistas, as pós-modernistas, dentre elas os estudos de gênero, são algumas das teorias com que atualmente os lingüistas aplicados têm se ocupado.

Moita Lopes (2006) afirma que tal movimento, ou seja, o pensar lingüística associado aos estudos das ciências sociais e das humanidades o levou a defender a presença de uma Lingüística mestiça nos estudos da linguagem. Para ele, a ação de politizar o ato de pesquisar e de pensar alternativas para analisar a vida social e, assim, explicar as mudanças contemporâneas é parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer Lingüística Aplicada.

Concordamos com Moita Lopes, quando ele pontua a preocupação em investigar o sujeito na sociedade, “seus atravessamentos identitários construídos pelo discurso” (2006, p.22) e também as maneiras de construir conhecimento sobre esse sujeito (sua classe, seu sexo, sua raça, sua etnia). Temos interesse nas colocações desse estudioso da linguagem, pois consideramos que nosso trabalho se filia a essa perspectiva, já que comunicamos conhecimentos teóricos e metodológicos da Lingüística da Enunciação, tais como os de Bakhtin (1986, 1992, 1997, 2003) e Kerbrat-Orecchioni (1980), com os estudos sobre ethos discursivo discutidos por Amossy (2005) e Maingueneau (2001, 2005, 2008) e com os estudos de gênero e mídia.

Com esse diálogo teórico, temos como objetivo central verificar em nosso *corpus*, o gênero discursivo *carta de aconselhamento*, publicado na revista *Veja.com*, como os **índices de modalização**¹ auxiliam na construção da imagem de si. Estamos interessadas na análise da imagem que as autoras das cartas constroem no seu discurso. A partir desse objetivo, temos um segundo: observar se esses discursos vinculados e solidificados pela mídia rompem com o estereótipo tradicional da figura feminina e seu papel social ou pontuam papéis conservadores.

¹ Kerbrat-Orecchioni chama de modalizadores os procedimentos lingüísticos que indicam certo grau de adesão pelo sujeito da enunciação em relação aos conteúdos enunciados.

Este trabalho se justifica pela presença do gênero discursivo *carta de aconselhamento*, característico de revistas femininas, em uma revista nacional de informação destinada tanto ao público feminino quanto ao masculino e também pelo fato de ser publicado no ambiente virtual/eletrônico (*Veja.com*). Esse ambiente permite ao leitor “montar” a sua leitura, pois com apenas um *clik* ele tem acesso tanto ao arquivo das cartas publicadas quanto às outras colunas e notícias da revista *on-line*.

Seguindo o sumário, este trabalho se desenvolve em três capítulos: fundamentação teórica, considerações metodológicas e análise.

No primeiro capítulo, é feita a fundamentação teórica. Pontuamos, num primeiro momento, aspectos importantes dos estudos teorizados por Mikhail Bakhtin e pelo seu Círculo, seguimos um percurso que inicia na concepção de linguagem. Após essa primeira discussão, passamos para o estudo acerca dos gêneros do discurso e dos aspectos constituintes dos enunciados: tema, estilo e composição, componentes que identificam os gêneros do discurso como pertencente a uma determinada esfera de comunicação verbal. Além disso, discutimos a noção de autoria nos gêneros do discurso.

O segundo ponto levantado, no capítulo 1, refere-se aos estudos sobre ethos. Apresentamos questões acerca do ethos retórico e seu (re) aparecimento nos estudos da linguagem; do conceito de ethos prévio; da relação entre ethos e as modalidades enunciativas.

O terceiro ponto que marcamos, neste capítulo, está relacionado com aspectos referentes à história das mulheres no mundo e no Brasil. Tais colocações são importantes para entender como se deu o movimento feminista, eclodindo com isso o termo gênero e sua necessidade de teorização como categoria analítica.

Para finalizar o capítulo 1, discorreremos sobre o papel da mídia na divulgação de papéis femininos e masculinos na sociedade, ditando ora comportamentos tradicionais (como o papel da mulher em cuidar dos filhos, da casa, da reprodução, enquanto que cabem ao homem as obrigações de provedor da família), ora comportamentos resultantes da emancipação das mulheres na sociedade.

No capítulo 2, apontamos o caminho que seguimos para selecionar as cartas que compõe o nosso *corpus*. Além disso, pontuamos as quatro etapas que desenvolveremos na análise.

No capítulo 3, fazemos a análise do *corpus* contemplando o contexto e o texto. Centramos nossa análise nos índices de modalização, principalmente, nos verbos, porém não vamos ignorar a presença dos advérbios que os acompanham e de alguns adjetivos e substantivos que auxiliam a construção da imagem de si.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em 4 seções. Na seção 1.1, discutiremos questões relacionadas com a concepção de linguagem sustentada por Bakhtin e pelo seu Círculo². Na seção 1.1.2, fazemos algumas observações sobre os gêneros do discurso calcadas nos estudos de Bakhtin. Na seção 1.1.2.1, enfocamos aspectos constituintes dos gêneros discursivos: tema (subseção 1.1.2.2), estilo (subseção 1.1.2.3) e composição (1.1.2.4). Na seção 1.1.3, discutimos a questão da autoria nos gêneros discursivos.

Na seção 1.2, damos ênfase aos estudos sobre ethos e sua relação com as modalidades enunciativas, que sustentam, neste trabalho, a análise da imagem de si no discurso. Esta seção divide-se em três subseções. Na 1.2.1, destacamos o reaparecimento da noção de ethos na ciência da linguagem, na 1.2.2, apontamos a considerações sobre ethos prévio e na subseção 1.2.3, fazemos a relação entre ethos e as modalidades enunciativas.

Na seção 1.3, fazemos referência à história das mulheres. Destacamos alguns pontos, tais como: o silêncio das mulheres (1.3.1), a hora das mulheres na história (1.3.2) e considerações acerca do termo gênero (1.3.3).

Finalizamos este capítulo com a seção *Mídia e construção social de gênero*, em que discutimos o papel da mídia na repercussão de papéis sociais e relações sociais de gênero na mídia.

1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NATUREZA DA LINGUAGEM

Os estudos sobre a linguagem, desenvolvidos por Bakhtin e pelo Círculo, apontam para uma análise/teoria dialógica do discurso, que se embasa na relação indissociável entre língua, linguagens, história e sujeitos. Assim, a concepção de linguagem, de produção e constituição de sentidos, nos enunciados e nos gêneros

² De acordo com Rodrigues o “Círculo de Bakhtin é a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reuniam regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev”(2005, p.152).

do discurso, está calcada nas relações discursivas entre sujeitos historicamente situados.

O discurso, isto é, a língua tomada em sua integridade concreta e viva passa a ser entendido numa perspectiva dialógica, pois contempla tanto o interno da língua quanto a exterioridade.

Sobre isso, Bakhtin afirma que

As relações dialógicas são extralingüísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas (1997, p. 183).

A linguagem se desenvolve nas relações sociais, por isso ela é resultado da atividade humana e está calcada na comunicação social vista como interação. Bakhtin/Voloshinov (1986, p.123) afirma que a verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação social, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”.

De acordo com Rodrigues (2001), a linguagem materializa a vida social, a organização sociopolítica, a formação dos sistemas ideológicos, como a religião, a moral, a escola, a igreja, a consciência humana. Assim como a linguagem, a consciência não procede de um “dom”, mas das relações sociopolíticas, adquirindo existência nos signos e/ou nas palavras criadas e articuladas pela sociedade.

Os signos e/ou palavras, para Bakhtin, somente se realizam, no campo social, pela interação que ocorre entre eu–outro no processo das relações sociais determinadas pelas esferas de atividade humana.

O signo lingüístico para Bakhtin tem uma plurivalência social que se refere ao valor que adquire no contexto de uso. Sendo assim, o fato de os mais diversos grupos sociais empregarem o mesmo sistema lingüístico faz com que as palavras utilizadas manifestem valores ideológicos diferentes, tendo seu sentido firmado no contexto em que ocorrem. Dessa forma, é a situação imediata de uso a responsável pelo sentido empregado na palavra. Assim, fica evidente que o interesse de Bakhtin não era o sistema por si só, mas a linguagem enquanto interação social, enquanto uso, enquanto comunicação verbal.

Segundo o teórico,

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (1986, p.95).

Para Bakhtin, a palavra tem duas faces, ou seja, ela procede de alguém e se dirige a alguém e somente reagimos, ou seja, temos uma atitude responsiva, àquela que nos desperta o sentido ideológico em relação à vida.

Segundo o teórico (1986, p.113), é pela palavra que “defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade”. Desse modo, o território compartilhado entre os interlocutores é a palavra, que centra as modificações sociais e também influencia a mudança nas estruturas sociais.

Considerada dessa forma, Stella (2005, p.179), no seu texto intitulado *Palavra*, apresenta as propriedades que definem a palavra, são elas: pureza semiótica, neutralidade ideológica, possibilidade de interiorização e presença obrigatória em todo ato consciente.

Segundo esse autor (2005), a pureza semiótica da palavra está relacionada à sua capacidade de funcionar e circular em toda esfera de comunicação humana enquanto signo ideológico. Um produto ideológico, seguindo a teoria marxista, faz parte de uma realidade social e, assim, é um instrumento de produção ou de consumo que reflete e refrata uma realidade exterior, ou seja, adquire um sentido que ultrapassa sua própria peculiaridade. Tudo que é ideológico remete a algo que está fora de si e possui um ou mais significados.

A neutralidade da palavra, de acordo com o mesmo estudioso (2005) está relacionada ao fato de a palavra ser neutra em relação a qualquer função ideológica. A propriedade de neutralidade pode ser entendida como “signo neutro”, no sentido de que a cada emprego, a palavra passa a ter sentidos ideológicos diferentes, marcados pelo contexto da enunciação.

Outra propriedade da palavra que Stella (2005) discute é a capacidade de interiorização, ou seja, o processo em que a palavra do exterior se confronta com o conteúdo interior presente na consciência dos sujeitos.

A palavra também se caracteriza, de acordo com esse autor, por participar de todo ato consciente, a palavra está presente em todas as esferas sociais. A sua interpretação e compreensão está diretamente relacionada à situação de uso nos processos internos da consciência. Rodrigues (2001, p.12) aponta que a palavra

concebida tanto como instrumento principal da consciência quanto como signo social “acompanha e comenta todo ato de criação e compreensão ideológica”.

Bakhtin critica a desvinculação da palavra de toda e qualquer situação de uso. O estudioso concebe, de acordo com Flores (2001), a enunciação como produto da interação de dois ou mais indivíduos socialmente organizados. Segundo esse teórico (1986), a interação verbal se realiza através da enunciação e a unidade fundamental da língua é o diálogo.

Sendo assim, o diálogo compreende tanto o sistema lingüístico concreto quanto os aspectos contextuais da situação de interação. Segundo o filósofo (1986), o dialogismo não pode ser descrito apenas no aspecto lógico-semântico, porque quando essa relação se materializa no discurso (enunciado) é tomada por um determinado locutor que mobiliza seu discurso de acordo com as regularidades e especificidades do gênero discursivo que utiliza.

Para Bakhtin, a língua e a palavra estão presentes em todas as relações humanas, assim para entender seu funcionamento, seu papel na sociedade é necessário analisá-las como signos ideológicos. Desse modo, as relações sociais adquirem formas e sentidos diferentes de acordo com o contexto de comunicação, pois a comunicação verbal não pode ser explicada e compreendida sem considerar a situação da enunciação.

Nesse contexto, Bakhtin/Voloshinov afirma que

Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graça a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não-verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.) (1986, p.124).

Segundo Rodrigues (2001), a língua evolui e se constitui na comunicação discursiva, ela acompanha e reflete o percurso das relações sociais, assim, o estudo dos enunciados e dos gêneros discursivos e das formas da língua é determinado pela situação social que condiciona a comunicação verbal. Disso decorre a necessidade de analisar o contexto de situação, de circulação, de interação na análise de qualquer gênero do discurso.

1.1.2 GÊNEROS DISCURSIVOS

Para Bakhtin (1992), todas as esferas da sociedade, por mais diversas que sejam, possuem como ponto comum o uso da linguagem, que se concretiza por enunciados orais e/ou escritos. Segundo o estudioso, os enunciados refletem tanto as condições específicas de cada esfera de atividade humana quanto suas finalidades pelo seu conteúdo temático, pela seleção dos recursos oferecidos pela língua (estilísticos) e por sua construção composicional. Esses três aspectos compõem a totalidade dos enunciados, os quais são marcados pela especificidade de determinada esfera de comunicação humana.

Dessa forma, Bakhtin (1992, p.279) afirma que “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

Ele chama a atenção para a importância do estudo da diversidade dos gêneros do discurso nas diversas esferas de atividade para os estudiosos da linguagem, porque qualquer trabalho concreto com a língua não deve ser desvinculado da vida, da sociedade, da ideologia.

Os gêneros do discurso são inúmeros, já que cada esfera social possui seus próprios gêneros que pela plasticidade, fluidez e dinamicidade se diferenciam e se ampliam de acordo com a necessidade da esfera de atividade humana. Podemos citar como exemplos de gêneros do discurso a conversa familiar, um telefonema, uma reunião de negócios, um artigo, uma resenha, uma intimação judicial, uma carta de conselho, uma receita, entre outros.

Na Antigüidade, segundo o autor (1992), estudaram-se os gêneros literários abordando suas particularidades artístico-literárias. Essa abordagem não focalizava as peculiaridades dos enunciados, os quais possuem como característica comum a natureza verbal. Depois dessa fase, os pesquisadores da linguagem atentaram para os princípios constitutivos do enunciado nos gêneros retóricos, tais como: relação com o ouvinte, sua influência no enunciado, a conclusão verbal.

Os gêneros do cotidiano foram estudados a partir dos pressupostos da Lingüística Geral. Nesses estudos, também não houve uma definição sobre a natureza do enunciado porque nessa fase os procedimentos de análise lingüística

(fonéticos, morfológicos e sintáticos) não abarcavam a enunciação enquanto natureza verbal e social.

Frente à dificuldade de definir “o caráter genérico do enunciado” (1992, p.281), Bakhtin considerou pertinente destacar a diferença que existe entre os gêneros primários e os secundários. Segundo sua teoria, os primeiros são mais simples e se constituem e funcionam em esferas socioideológicas do cotidiano, por exemplo, um diálogo entre amigos; os outros são mais complexos, como um romance, uma carta de conselho, o discurso jurídico, entre outros.

Os gêneros secundários, de acordo com Bakhtin (1992) estão presentes em situações de comunicação cultural mais complexa e circulam no meio artístico, científico, sócio-político. Para o autor (1992, p. 281), os gêneros secundários “absorvem e transmitem os gêneros primários (simples)”, os gêneros primários são mais simples porque são orais e se formam nas interações espontâneas do cotidiano.

Os gêneros primários, quando absorvidos pelos secundários, passam a ser componentes destes, transformando-se no seu interior e assim “perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (1992, p.281). Um diálogo (gênero primário) absorvido pelo gênero secundário perde a sua relação direta com a realidade de interação. Por exemplo, num romance (gênero secundário) pode aparecer um diálogo (gênero primário), porém ele não está diretamente relacionado com a conversa (oralidade) do cotidiano, mas sim com o contexto do romance (escrito). De oral, o gênero primário passa a pertencer à dimensão escrita, característica do gênero secundário, por isso ele agora é parte constitutiva deste gênero.

Cada esfera social possui diversos textos de acordo com a atividade de comunicação humana e seu falante/escritor evoca diversos recursos lingüísticos para afirmar, confirmar, expressar o seu posicionamento, a sua atitude avaliativa frente a determinado assunto evocando a construção da imagem desse locutor.

Segundo o teórico, o discurso se molda à forma do enunciado de um sujeito falante e/ou escritor, assim o tema, a composição e o conteúdo dos enunciados possuem características estruturais comuns e fronteiras determinadas pela alternância dos sujeitos. Bakhtin também aponta três peculiaridades do enunciado.

A primeira delas é a alternância dos sujeitos. Sobre isso Rodrigues (2001, p. 39) aponta que ela se dá “pelo fato de que o falante conclui o que objetivava dizer

(*dixi* conclusivo)”, assim o falante termina o seu enunciado concedendo a palavra ao seu interlocutor, presente ou não, para ceder o lugar à sua resposta. Essa troca de parceiros estabelece tanto a fronteira entre os enunciados como também os materializa em algum gênero discursivo.

A alternância dos sujeitos toma formas distintas de acordo com a finalidade comunicativa e a esfera de circulação dos gêneros discursivos. Por exemplo, em um diálogo, os interlocutores estão presentes durante o ato enunciativo, já em outros gêneros, como as *cartas de aconselhamento*, o produtor escreve para receber uma resposta retardada, ou seja, a resposta do interlocutor não se dará de forma imediata.

Sobre a reação retardada, Bakhtin (1992, p. 291) afirma que “(...) cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte”, porque o enunciado é uma resposta a enunciados anteriores de uma dada esfera social.

A segunda peculiaridade do enunciado é indissociável da alternância dos sujeitos é o acabamento do enunciado. De acordo com Bakhtin (1992), o acabamento do enunciado pode ser determinado por critérios específicos, tais como: a possibilidade de responder, ou seja, de adotar um comportamento e/ou executar uma ordem. O acabamento é imprescindível para que ocorra uma resposta, uma reação ao enunciado por parte do interlocutor. A totalidade acabada do enunciado é determinada pelos seguintes fatores: tratamento exaustivo do objeto do sentido, pelo intuito, o querer-dizer do locutor e pelas formas típicas de estruturação do gênero.

O primeiro se refere ao tema que varia conforme as esferas da comunicação verbal e é indissociável do intuito do autor. É a partir do querer-dizer, do intuito discursivo, que se mede o acabamento do enunciado e também é determinante na escolha do gênero discursivo no qual o enunciado está estruturado.

Para Bakhtin (1992, p. 300), o intuito, que é subjetivo, combina-se com o objeto do sentido, que é o objetivo, a fim de formar uma unidade indissociável vinculada à “situação concreta única da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individuais” e seus enunciados anteriores. Por essa razão, os parceiros envolvidos na situação percebem o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor quando este inicia sua fala ou escreve algo.

A intenção do sujeito se realiza pela escolha de um determinado gênero discursivo que também é determinado pela esfera de comunicação, pelo objeto do sentido, pelos parceiros.

O querer-dizer do locutor é realizado na escolha de gênero discursivo e determina tanto a sua amplitude quanto as suas fronteiras. Assim, Bakhtin (1992, p. 301) afirma que “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”.

Os gêneros estruturam os nossos enunciados, a nossa maneira de falar e/ou escrever. Sendo assim, o interlocutor percebe de imediato a extensão do gênero, a sua estrutura e seu acabamento porque sempre estamos utilizando gêneros discursivos já existentes. Portanto, a composição dos gêneros não está apenas relacionada com a estrutura textual, mas também com o tipo de relação que há entre o locutor e seu leitor, seu ouvinte, seu interlocutor.

A diversidade dos gêneros está ligada às circunstâncias comunicativas que diferem uma da outra conforme os parceiros, o local, o estilo formal/informal, o grau de intimidade, o objetivo comunicativo.

Desse modo, Bakhtin aponta que existem os gêneros padronizados, por exemplo, os oficiais que são mais estáveis e aqueles que são mais livres, que pertencem ao âmbito oral, como as reuniões e os gêneros da intimidade familiar.

A terceira característica do enunciado é a relação que ele tem, por meio da expressividade, com o seu produtor e com os outros parceiros da comunicação verbal. Os aspectos expressivos são definidos pelo estilo individual do enunciado materializado pelas palavras já ditas e selecionadas de acordo com o gênero discursivo utilizado. De acordo com o teórico, a expressão do gênero reflete “a relação que a palavra e sua significação mantêm com os gêneros” (1992, p. 312). Nossos enunciados possuem palavras de outros, que assimilamos, reformulamos e modificamos de acordo com nossa intenção comunicativa e a esfera de comunicação verbal.

Além das peculiaridades do enunciado, o filósofo apresentou, no seu estudo, três componentes verbais presentes nos gêneros discursivos, que trataremos na próxima subseção.

1.1.2.1 Tema, estilo e composição

Os enunciados únicos e individuais apresentam características verbais comuns, tais como: o tema, o estilo e os aspectos composicionais. Esses componentes identificam os gêneros do discurso como pertencentes a uma determinada esfera de comunicação verbal e não a outra.

1.1.2.2 Tema

A totalidade do enunciado é determinada pelo tratamento exaustivo do objeto de sentido (tema), pelo intuito do locutor e pelas formas típicas do gênero acabado.

Bakhtin afirma que o tema, ou seja, o objeto de sentido varia conforme as esferas de comunicação e assim carrega a ideologia desse espaço social. O tema de um enunciado para o autor (1992, p. 300) “recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, e de suas práticas discursivas, do material, dos objetos por atingir”. Sendo assim, o tema está interconectado com o *intuito definido pelo autor*, que vai determinar o gênero, no qual os enunciados serão estruturados em uma determinada interação social. É na interação que tanto o sujeito quanto o discurso se constituem adquirindo sentido nas práticas sociais.

O tema analisado como elemento do gênero perde a sua singularidade, característica do momento da enunciação e passa a ter um conteúdo temático regular. Esse conteúdo temático do gênero é constituído pela esfera de comunicação discursiva, pela situação de interação verbal, pelo todo concreto do enunciado, pela seleção e profundidade dos aspectos do real, que são expressos na explicação dos fatos e pela avaliação social.

Camargo- Grillo (2006, p.1828) afirma que a avaliação social “define todos os aspectos do enunciado, isto é, determina a escolha do conteúdo e da forma, e estabelece a relação entre eles”.

Em relação ao todo concreto do enunciado, essa estudiosa afirma que para Bakhtin o tema é composto no todo, na situação comunicativa concreta e não na

estrutura frasal, em outras palavras, o tema faz parte do discurso e não das formas lingüísticas presentes no gênero discursivo.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin afirma que a vontade discursiva do locutor se realiza, inicialmente, na escolha de um gênero discursivo. Essa escolha é determinada pela especificidade de uma dada esfera social, pelas considerações temáticas, pela situação concreta da comunicação e pela composição dos seus participantes. Nas suas palavras,

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação, pela composição pessoal dos seus participantes (2003, p. 282)

A relação eu-outro é reiterada pelo objeto temático porque os interlocutores refletem sobre suas condições, assim como questionam e avaliam condutas nas práticas cotidianas. Dessa maneira, o tema (objeto de sentido do gênero) está diretamente relacionado com o intuito discursivo na interação verbal de uma determinada esfera social.

Bakhtin aponta que há uma interdependência entre o tema e estilo do gênero, componente que trataremos no seguinte item.

1.1.2.3 Estilo

Para Bakhtin, o estilo de um gênero discursivo está ligado ao dialogismo, pois para o estudioso o discurso é dialógico, ou seja, é orientado para outras pessoas. Nas palavras de Rodrigues (2005, p.160) o discurso “objetiva uma reação-resposta ativa (imediate ou não, verbal ou não, exterior ou interior)”.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (1986, p.114) acrescenta que a circunstância de comunicação verbal e os participantes dessa interação, de uma maneira ou de outra, determinam tanto a forma quanto o estilo da enunciação.

Cada esfera de atividade humana utiliza, nas relações sociais, tipos específicos de enunciados, tipos de gêneros específicos. A tipificação dos enunciados está relacionada às regularidades comuns, reconhecidas pelos falantes, que se constituem historicamente nas situações diárias de interação social. Tais regularidades, de acordo com Brait (2005, p. 83), não são estáveis, pois como se

inscrevem na língua e nos usos historicamente situados podem apresentar variáveis de acordo com o objetivo pretendido. Conforme Brait (2005, p. 95), a relação estilo e gênero “implica em coerções lingüísticas, enunciativas e discursivas, próprias da atividade em que se insere”.

Somado a isso, o estilo está associado ao fato de o gênero dirigir-se a alguém, ou seja, o estilo depende da maneira que o locutor percebe seu destinatário. Nas palavras de Bakhtin:

A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e, sobretudo o estilo, do enunciado (1992, p. 321).

Bakhtin (1992, p. 302) afirma que “aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (...)”.

As escolhas lingüísticas recorrentes nos gêneros discursivos caracterizam seu estilo, que estão interligadas ao conteúdo temático e ao processo de composição do gênero, o qual veremos a seguir.

1.1.2.4 Composição

Vimos nos estudos de Bakhtin (1992, p. 301), que o querer dizer do locutor numa interação se materializa na escolha de um determinado gênero do discurso, “das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc.”. Segundo o teórico, moldamos a nossa fala de acordo com o gênero utilizado o que nos permite, numa interação, identificar a extensão, a estrutura, o início e o final de um determinado gênero. O teórico argumenta que

se não existissem os gênero do discurso e se não dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (1992, p. 302).

Quanto ao aspecto composicional dos gêneros, Bakhtin não faz referência apenas à sua estrutura e ao seu acabamento, mas também ao papel dos interlocutores na interação verbal. Portanto, o produtor/autor de um texto leva em consideração as opiniões, as convicções, os preconceitos do destinatário, fatores que permitem uma compreensão responsiva do enunciado.

Bakhtin não estuda a questão da autoria como um dos componentes do gênero, como faz com o tema, o estilo e a composição, porém consideramos pertinente apresentar uma subseção para discorrer sobre essa questão, pois cremos que esse estudo é necessário para o nosso trabalho.

1.1.3 Autoria nos gêneros do discurso

Sobre a importância de se observar o diálogo entre autoria e os gêneros do discurso, Alves Filho (2006) desenvolveu um estudo que defende a noção de autoria como um constituinte do gênero discursivo. Sobre isso, o pesquisador (2006, p. 77) argumenta que “os gêneros do discurso mantêm, explicam, exibem e semiotizam uma dada configuração de autoria, a qual tanto é variável em função dos próprios gêneros como contribui para a dinamicidade e plasticidade dos gêneros”.

O papel da autoria está relacionado com o acabamento do gênero, com o estilo e, em grau menor, com a composição, pois é o sujeito enunciador que finaliza seu texto, que seleciona as marcas estilísticas dentro do gênero escolhido. O autor deixa vestígios lingüísticos ideológicos nos textos por ele produzidos.

Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoieviski* (1997) afirma que todo texto tem um sujeito que fala e/ou escreve o qual, pelos vestígios de autoria, permite-nos percebê-lo, entendê-lo e senti-lo. Assim, percebemos o autor de um texto como sujeito, cuja imagem é criada e representada durante a enunciação. Segundo o filósofo, o autor ao exprimir-se a si mesmo faz de si um objeto tanto para si quanto para o outro, que o vê e o compreende como um “tu”, como outra consciência. Bakhtin (1997, p.184) afirma que “todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador”.

Desse modo, a atitude representada pelo autor é indissociável da construção de sua imagem e é um processo dialógico, pois no momento que o autor toma consciência de sua atitude, a sua imagem não pertence somente a ele, mas também ao outro. É nessa relação dialógica que nos compreendemos.

O estudo da autoria juntamente com o estilo e com o ethos nos possibilita atentar e trabalhar com as marcas lingüísticas que inscrevem os sujeitos

historicamente situados e que, de uma forma ou de outra, falam da sua imagem, que é construída discursivamente.

1.2 ETHOS: A IMAGEM DE SI NO DISCURSO

Todo ato enunciativo implica na construção de uma imagem de si. O locutor ao ativar suas competências lingüísticas, enciclopédicas, a manifestação ou não das suas crenças, efetua em seu discurso, pelo seu estilo de escrever e/ou falar, uma representação de si que é apreendida na interação.

Nos últimos anos, há na ciência da linguagem um interesse significativo pelo estudo da construção da imagem do locutor no seu discurso. Os trabalhos de Amossy (2005), Haddad (2005), Eggs (2005), Dascal (2005), Maingueneau (2005/2008), Discini (2008), Brunelli (2008), Mussalin (2008), entre outros confirmam essa tendência nos estudos da linguagem.

Ethos é o termo que designa a imagem de si que se constrói no discurso. Podemos entendê-lo como a representação do locutor que se depreende tanto por quem enuncia quanto pelas modalidades de sua enunciação, pela sua postura, por seu estilo.

Nesta seção, faremos uma breve retomada da retórica aristotélica a partir dos estudos de Amossy (2005) e Maingueneau (2005, 2008) e o seu reaparecimento, nos anos 80, nos estudos da linguagem; logo discorreremos acerca do ethos pré-discursivo, a relação entre ethos e estilo, terminamos com os estudos de Kerbrat-Orecchioni (1980) acerca dos índices de modalização e a relação destes com a construção da imagem de si.

Julgamos pertinente fazer alusão ao ethos retórico, pois é na Retórica de Aristóteles que se encontra a primeira sistematização do conceito de ethos.

De acordo com Maingueneau (2008), Aristóteles na Retórica apresentou uma *techne* que objetivava examinar o que é persuasivo para certo tipo de indivíduos, ou seja, a imagem que o orador produz em seu auditório. É pelo ethos que o orador causa boa impressão, pela maneira que constrói o seu discurso. Nessa perspectiva, o ethos está diretamente ligado à enunciação. Na Retórica, Aristóteles (1967 *apud* MAINGUENEAU, 2008, p.13) afirma que:

Persuade-se pelo caráter (=ethos) quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé; pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande e pronta confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar a dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do orador.

O objetivo do orador era deixar transparecer uma imagem positiva de si frente ao seu auditório e para atingir tal querer deveria manifestar três qualidades: a *phronesis* (prudência), *arete* (virtude), *eunoia* (benevolência). Essas três características deveriam perpassar no discurso do orador para dar boa impressão, ignorando se elas eram ou não verdadeiras.

O orador, na enunciação, mobiliza o tom da voz, o fluxo da fala, a escolha das palavras e dos argumentos, os gestos, o olhar, a postura. Disso, conclui-se que, segundo Maingueneau (2008, p. 14) “não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário através do movimento da própria fala do locutor”.

Maingueneau (2008) chama a atenção para o fato de que o ethos, na Retórica, não possuía um sentido estável em relação ao discurso, pois designava dois pontos de vista que se complementavam: o político e o da idade e da fortuna. O primeiro estava relacionado com certo tipo de caráter e de argumentação que um orador devia observar na instância política. Sobre o segundo, Aristóteles descreveu as características particulares do caráter do homem em consonância com a sua idade (juventude, maturidade e velhice) e com sua fortuna (nobreza, riqueza, poder e sorte). Com isso o filósofo aponta que cabe ao orador selecionar quais paixões quer suscitar em seu auditório já que este não é único e estável.

Para os antigos o termo ethos era entendido como a construção de uma imagem de si que garantia o sucesso moral do orador mediante seu discurso.

1.2.1 Enunciação e o reaparecimento da noção de ethos na ciência da linguagem

Segundo Maingueneau (2008), o reaparecimento da noção de ethos deu-se em 1958 com Perelman e Toulmin. Nos anos 80, na França, o estudo sobre o ethos foi ganhando espaço na Análise do Discurso e na Pragmática.

A incorporação do termo *ethos* na ciência da linguagem se encontra na teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot. De acordo com Amossy (2005), para Ducrot, analisar L no discurso consiste em conhecer a aparência que lhe é conferida pelas modalidades enunciativas. É nesse ponto que Ducrot recorre à noção de *ethos* e argumenta que o *ethos* está ligado a L, o locutor como tal (1984). O estudioso não desenvolveu um estudo restrito sobre o *ethos*, mesmo havendo uma zona de convergência entre a argumentação, seu campo de estudos, a noção de *ethos*.

Dominique Maingueneau expande essa noção e busca mostrar que a imagem de si aparece em toda troca verbal. Para esse autor, “o enunciador deve se conferir e conferir a seu destinatário certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber” (2005, p.16). O locutor, nomeado por Maingueneau como enunciador, mostra um modo de enunciação, ou seja, certa maneira de dizer. Desse modo, a imagem de si desenvolve-se no momento da enunciação. De acordo com o autor (2001, p. 98), é por meio da enunciação que se revela “a personalidade do enunciador”. O lingüista (2001, p. 98) também acredita que o “orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto, e não aquilo”.

O modo de dizer contribui para o estabelecimento da inter-relação entre o locutor e seu interlocutor, além de permitir a construção de uma imagem desse locutor quando este a representa a partir dos índices discursivos.

A partir de então, a noção de *ethos* começou a ser discutida no campo da linguagem, conseqüentemente, algumas dificuldades foram surgindo, principalmente, quando se pensou em estabilizar um conceito único e fechado sobre *ethos*. Isso se deu porque cada abordagem de estudo define tal noção de acordo com os seus pressupostos e objetivos. Diante disso, Maingueneau (2008) propôs três princípios mínimos que podem ser explorados nas diversas áreas de investigação. São eles: a) *ethos* é uma noção discursiva, portanto não é uma imagem exterior do locutor; b) é um processo interativo de influência sobre o outro; c) é uma noção sócio-discursiva, um comportamento socialmente avaliado que deve ser apreendido em situações sócio-históricas.

O lingüista afirma que a noção de *ethos* está ligada à enunciação e permite articular corpo e discurso, ou seja, estatuto e voz. Em outras palavras, a instância subjetiva se manifesta no discurso através do estatuto (professor, estudante) e uma

voz num momento historicamente situado. Essa voz, entendida como tom, permite-nos remeter a uma fonte que enuncia e que dá autoridade ao que é dito.

Segundo Mussalin (2008, p. 71), “essa instância subjetiva que atesta o que é dito não está relacionada a um autor efetivo; trata-se de uma representação que o leitor faz do enunciador a partir de índices textuais” presentes na enunciação. Essa representação é chamada por Maingueneau de fiador. Esse autor (2005, p. 73) afirma que a incorporação do fiador pode atuar em três registros, a saber:

- a enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá corpo;
- o co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo;
- essas duas incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

O estudioso acrescenta que o tom específico constitui uma dimensão que compõe parte das identidades. Para ele (2005, p. 73), “o universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo ethos quanto pela “doutrina”; (assim) as “idéias” apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser”, a uma determinada identidade.

Maingueneau (2008, p.18) aponta que se atribui ao fiador um “caráter” e uma “corporalidade”. O caráter corresponde aos traços psicológicos, enquanto a corporalidade à maneira de se vestir e ao corpo físico. O ethos, segundo esse autor (2008, p. 18), implica a maneira de o sujeito ser e estar no espaço social que é identificada pelo destinatário a partir das “representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo, a mocinha romântica”.

Ele (2005, p. 73) também argumenta que a imagem do fiador atribui a si próprio uma identidade compatível “com o mundo que ele supõe que ele faz surgir em seu enunciado”. Então, é por meio de seu próprio enunciado que o fiador legitima a sua maneira de dizer numa determinada cena de enunciação. A noção de ethos liga conteúdo e cena enunciativa, pois o discurso é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e, assim, não se pode dissociar da organização de seus conteúdos e do modo de legitimação de sua cena discursiva.

O enunciador, de acordo com Maingueneau (2005, p. 75), expressa-se desta ou daquela forma de acordo com um quadro interativo, inscrito numa dada

configuração cultural que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação.

Dessa forma, o discurso implica uma cena de enunciação para poder ser enunciado e validar a própria enunciação. Nas palavras de Maingueneau (2005, p. 75), “qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente”.

A cena da enunciação compreende a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso (literário, religioso, jurídico, jornalístico, publicitário, entre outros). Para saber qual é o tipo de discurso de uma cena faz-se necessário identificar o gênero discursivo particular do tipo de discurso, por exemplo, o gênero discursivo reportagem está relacionado ao discurso jornalístico. Aqui aparece a cena genérica. Essas duas cenas, a englobante e a genérica, definem o que se pode chamar de quadro cênico, o qual define o “espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (Maingueneau 2001, p. 87).

Para o lingüista (2001, p. 87), o leitor diante de um gênero discursivo se confronta com uma cenografia, entendida como “a enunciação que, ao se desenvolver esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala”. Por isso, a cenografia é “ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (2001, p.87), ou seja, o mesmo enunciado que ela legitima deve legitimá-la, estabelecendo assim o processo paradoxal.

Amossy (2005) argumenta que se constrói uma imagem de si em uma dada cena de enunciação, imagem essa que pode ser pré-construída pelos interlocutores com base nas representações estereotipadas. Nesse contexto, ativamos o *ethos* prévio, item que trataremos a seguir.

1.2.2 Ethos prévio

O *ethos* prévio consiste na imagem preexistente do locutor pelo seu interlocutor levando em conta os fatores acerca do estereótipo. O *ethos* prévio condiciona a construção do *ethos* discursivo que, por sua vez, está relacionado com a imagem que o locutor constrói de si no seu discurso.

De acordo com Amossy, o *ethos* prévio pode ser confirmado ou modificado na instância enunciativa. A imagem do locutor corresponde a um papel preexistente e

compartilhado pelos interlocutores ou o locutor pode recompô-la de acordo com a sua finalidade. Em outras palavras, a teórica (2005, p. 138) afirma que a construção da imagem de si tem “a capacidade de modificar as representações prévias, de contribuir para a instalação de imagens novas e de transformar equilíbrios, contribuindo para a dinâmica de campo”.

Nas palavras de Amossy

De fato, a idéia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem representações partilhadas. (2005, p.125)

Amossy introduz na análise do ethos a noção de estereótipo. Ela argumenta que tal noção deve ser considerada para o estabelecimento do ethos porque a imagem de si construída no discurso é reconhecida a partir das representações compartilhadas e relacionadas com a cultura de um grupo. A estereotipagem, para Amossy (2005, p. 125), “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema cristalizado”. A comunidade avalia um sujeito e instaura um modelo pré-construído com base no grupo a que pertence, na classe social em que circula, na sua etnia, no posicionamento político. O locutor produz seu discurso de acordo com o seu destinatário e este antecipa um valor ao locutor de acordo com os estereótipos a ele atribuídos.

Nessa linha, Amossy (2005, p. 27) afirma que “é o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem”.

1.2.3 Ethos e modalidades enunciativas

Considerando os itens relacionados ao estudo sobre o ethos, podemos afirmar, assim como Amossy e Maingueneau, que a construção da imagem de si está ligada à enunciação, conseqüentemente, para interpretá-la e entendê-la cabe observar a inscrição do locutor e a construção da sua subjetividade na língua.

Para analisar essa inscrição do sujeito, tomaremos como base teórica os estudos de Kerbrat-Orecchioni (1980). A autora chama a atenção para a análise do extralingüístico em toda e qualquer manifestação discursiva, porque afirma ser

impossível descrever adequadamente os comportamentos verbais sem considerar o contexto em que os enunciados são proferidos, sem considerar a ideologia articulada no momento enunciativo.

Para Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 25), o universo do discurso contempla a situação de comunicação e as limitações estilístico-temáticas, fatores importantes que contribuem para a construção da imagem de si. Segundo a autora (1980, p. 29), o discurso oral/escrito, o espaço de comunicação, o objeto de reflexão são fatores que permitem ao sujeito enunciador formar uma imagem de si. De igual importância para a construção da imagem de si, são as restrições temático-retóricas e a relação emissor-receptor.

Sobre a relação emissor-receptor, a estudiosa afirma que

en la competencia cultural de los miembros de la comunicación es necesario incorporar la imagen que se forman de ellos mismos, que se hacen del otro y la que se imaginan que el otro hace de ellos: no se habla a un destinatario real, sino a aquello que se cree saber de él, mientras que el destinatario decodifica el mensaje en función de lo que él cree saber del emisor (1980, p. 36).³

Em adição, a teórica afirma que essa imagem pode mudar no momento da interação, como argumentam Amossy (2005) e Maingueneau (2005, 2008).

A autora busca identificar e descrever as marcas do ato enunciativo na enunciação, ou seja, observa os lugares de inscrição dos diferentes constituintes que o compõem. Para ela (1980, p. 42), os atos enunciativos são “las huellas lingüísticas de la presencia del locutor en el seno de su enunciado, los lugares de inscripción y las modalidades de existencia de lo que con Benveniste llamamos “la subjetividad en el lenguaje”.

Kerbrat-Orecchioni desenvolveu uma Teoria da Enunciação que se ocupa em estudar as unidades subjetivas nos enunciados. Podemos entender essas unidades como marcas lingüísticas que identificam o locutor no centro de seu enunciado, ou seja, os lugares de “inscrição” do sujeito e as modalidades da existência dessa inscrição. Seu estudo está metodologicamente restrito à problemática dessas marcas (1980, p. 43).

³ “Na competência cultural dos membros da comunicação, é necessário incorporar a imagem que se forma deles mesmos, que fazem do outro e a que se imaginam que o outro faz deles: não se fala a um destinatário real, mas sim aquilo que se acredita saber sobre ele, enquanto que o destinatário decodifica a mensagem em função do que ele acredita saber sobre o emissor” (tradução minha).

A lingüista define enunciação como:

la búsqueda de los procedimientos lingüísticos (shifters, modalizadores, términos evaluativos, etc.) con los cuales el locutor imprime su marca al enunciado, se inscribe en el mensaje (implícita o explícitamente) y se sitúa en relación a él (1980, p. 43).

Em outras palavras, é a tentativa de localizar e descrever qualquer unidade lingüística que indica a presença do locutor no seu enunciado.

O emissor, para construir seu discurso, não busca livremente itens lexicais disponíveis no seu repertório lingüístico, pois há, segundo a autora, filtros que restringem as possibilidades de escolha. Esses filtros dependem das condições concretas da comunicação (contexto) e da escolha do gênero discursivo.

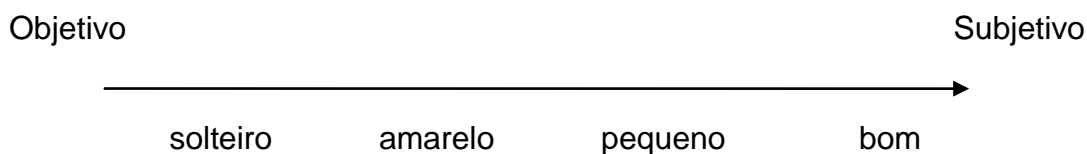
Para ela a problemática que suscita seu estudo é a seguinte

Cuando el sujeto de una enunciación se ve confrontado con el problema de la verbalización de un objeto referencial, real o imaginario, y cuando para hacerlo debe seleccionar ciertas unidades tomándolas del repertorio léxico y sintáctico que le propone el código, se le presenta *grosso modo* la opción entre dos tipos de formulaciones. (1980, p. 93)

A teórica afirma que o sujeito da enunciação, ao formular seu discurso, recorre a certas unidades léxicas e à ordenação sintática proposta pelo código. Esse discurso pode ser objetivo, ou seja, sem marcas da existência de um enunciador ou subjetivo. No segundo, o enunciador está explicitamente marcado pelo pronome em primeira pessoa (Eu acho ela bonita) ou implicitamente (Ela é bonita) além de evocar um índice avaliativo em relação ao objeto denotado.

Cabe ressaltar que essa distinção não anula sua posição de que toda unidade léxica é, de uma maneira ou de outra, subjetiva, porque as palavras da língua são símbolos substitutivos e interpretativos das coisas. A distinção entre discurso objetivo e subjetivo não é dicotômica, mas sim gradual, a autora (1980, p. 94) argumenta que “las unidades léxicas están ellas mismas (en la lengua) cargadas com um peso más o menos grande de subjetividad”.

A oposição objetivo/subjetivo não é dicotômica, mas sim gradual (1980, p. 94):



A estudiosa desenvolve um estudo com os dêiticos e com subjetivemas afetivos e avaliativos. Os pronomes pessoais, demonstrativos, advérbios temporais, espaciais, chamados de dêiticos localizam o enunciado a algo exterior e heterogêneo, ou seja, ao contexto de situação comunicacional.

Além dos dêiticos, Kerbrat-Orecchioni analisa categorias não dêiticas, chamadas subjetivemas, que igualmente permitem identificar no enunciado a subjetividade lingüística. Os adjetivos que expressam afetos, as marcas avaliativas axiológicas e não axiológicas, substantivos, verbos e advérbios funcionam como tais.

Antes de prosseguir, torna-se necessário explicar que para esta estudiosa e para nós, todos os discursos, melhor dizendo, todas as práticas discursivas resultam da interação entre indivíduos e são construídas dialogicamente e marcadas subjetivamente seguindo formas e graus variáveis. Por isso, quando elegemos X em detrimento de Y não o fazemos aleatoriamente, pois nos projetamos, dizemos quem somos a partir das escolhas lingüísticas que fazemos.

Kerbrat-Orecchioni realizou um estudo com substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, categorias lingüísticas que se identificam como lugares de apreciação, apresentando traços de subjetividade cuja significação é definida no enunciado.

Os substantivos, caracterizados como categoria axiológica, podem sinalizar uma descrição do que está sendo denotado e também podem lançar um juízo avaliativo de apreciação ou depreciação sobre o objeto denotado. O locutor ao descrever e/ou qualificar algo e/ou alguém usa certo substantivo a fim de convencer o seu interlocutor sobre a imagem que ele quer passar sobre algo ou alguém, por exemplo: "Ele é um gênio". O juízo de valor lançado compromete o locutor e torna seu enunciado marcado subjetivamente. Com base nisso, a estudiosa afirma que fazer uso dos termos axiológicos é de certa forma falar de si mesmo (1980, p. 108).

Sobre os adjetivos, a teórica os divide em duas categorias:

- A. adjetivos objetivos;
- B. adjetivos subjetivos.

Os adjetivos subjetivos dividem em:

- adjetivos afetivos;
- adjetivos avaliativos: não-axiológicos e axiológicos.

Podemos visualizar tal classificação na figura a seguir:

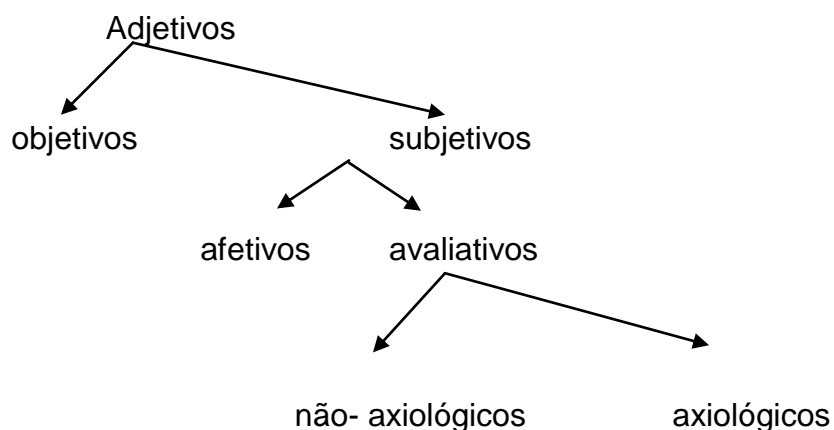


Figura 1: Esquema dos adjetivos.

A. Adjetivos objetivos

Os adjetivos objetivos são aqueles que se referem ao estado civil de alguma pessoa (solteiro, casado), às cores (alaranjado, rosado, entre outros), àqueles que indicam o sexo (macho, fêmea).

B. Adjetivos subjctivos

Os adjetivos subjctivos dividem-se em adjetivos afetivos e avaliativos.

•Adjetivos afetivos

Os adjetivos afetivos implicam um compromisso afetivo do enunciador frente ao denotado e assim manifestam sua presença no enunciado. O valor afetivo pode ser tanto inerente ao adjetivo quando pode derivar de elementos tipográficos, por exemplo, o ponto de exclamação e até mesmo da organização sintática (adjetivo + substantivo/ substantivo + adjetivo).

•Adjetivos subjctivos avaliativos

Os adjetivos subjctivos avaliativos dividem-se em: não-axiológicos e axiológicos.

- Adjetivos avaliativos não-axiológicos

Os adjetivos avaliativos não-axiológicos não emanam um juízo de valor nem um compromisso afetivo do enunciador com o que está enunciando, mas eles

implicam uma avaliação qualitativa ou quantitativa do objeto denotado. Por exemplo, ao dizer “A casa é grande” deve-se considerar que ela pode ser grande para uma pessoa e não para outra, a “casa” vai ser grande de acordo com a norma de tamanho que o enunciador conhece.

- Adjetivos avaliativos axiológicos

Os avaliativos axiológicos se referem ao objeto atribuindo a ele uma propriedade. Nessa perspectiva, a estudiosa coloca que as modalidades do belo, por exemplo, variam de acordo com a natureza do objeto ao qual se predica certa característica.

Nas palavras de Kerbrat-Orecchioni:

todos los adjetivos evaluativos son subjetivos en la medida en que reflejan algunas particularidades de la competencia cultural e ideológica del sujeto hablante, pero lo son en grado variable. (1980, p. 123)

Assim, os axiológicos se aplicam ao objeto denotando um juízo de valor positivo ou negativo e variam de acordo com a ideologia que o enunciador reflete no seu enunciado e na medida em que se posiciona a favor ou não do objeto denotado. Por exemplo, no enunciado “Está frio”, o valor do adjetivo varia de acordo com a norma de da avaliação de certa sociedade que emprega tal enunciado neste ou naquele contexto.

Em relação aos verbos subjetivos, a teórica estabelece três distinções que se deve considerar quanto à análise dessas categorias. A primeira reside em quem faz o juízo avaliativo, a segunda evidencia o que é avaliado e a terceira se preocupa em saber qual é a natureza de tal juízo (bom/mal; verdadeiro/falso). Kerbrat-Orecchioni se interessa por quem faz o juízo avaliativo e, para estudar os verbos subjetivos, a autora , considerando a natureza dos juízos,os divide em:

A- Verbos ocasionalmente subjetivos	B- Verbos intrinsecamente subjetivos
- verbos de avaliação boa/má: -verbos de sentimentos; - verbos de dizer. -verbos de avaliação verdadeiro falso/incerto: -verbos de apreensão perceptiva; -verbos de apreensão intelectual.	- verbos de avaliação boa/má - verbos de avaliação verdadeiro falso/incerto: -verbos de julgamento; -verbos de dizer; -verbos de opinião.

Quadro 1: Classificação dos verbos.

A. Verbos ocasionalmente subjetivos

Os verbos ocasionalmente subjetivos se dividem em dois tipos de avaliação. No primeiro tipo, estão os que emitem uma avaliação do tipo boa/má, eles são classificados em verbos de sentimento e verbos de dizer. O segundo tipo de avaliação reside no eixo do verdadeiro/ falso/ incerto.

• Verbos de avaliação boa/má

Os verbos de avaliação são classificados em verbos de sentimento e verbos de dizer.

- Verbos de sentimento

Os verbos de sentimento são afetivos e axiológicos, expressam uma disposição favorável ou desfavorável do enunciador frente ao objeto. A disposição favorável é representada quando Y é bom para X. Gostar, apreciar, desejar, querer, ansiar, amar, entre outros são exemplos de verbos que sinalizam uma disposição favorável ao que está sendo dito.

A disposição desfavorável de X frente a Y é indicada pelos verbos como odiar, detestar, subestimar, temer, lamentar, menosprezar, aborrecer.

- Verbos de dizer

Os verbos de dizer são diferentes dos anteriores porque significam mais do que um estado afetivo de X, eles denotam um comportamento verbal. Eles dividem-se em três categorias:

- os que nunca são de dizer. Por exemplo, na frase “Ele está caminhando”, o verbo caminhar indica um comportamento e não um juízo de valor.

-aqueles que sempre são de dizer: falar, dizer, perguntar, criticar;

-os que dependem do contexto: reafirmar, afirmar, repetir, continuar, acrescentar, terminar.

•Verbos de avaliação

Os verbos de avaliação se referem ao eixo do verdadeiro/ falso/ incerto. Eles denotam a maneira como um agente apreende uma realidade perceptível e são divididos em apreensão perceptiva e apreensão intelectual.

- Verbos de apreensão perceptiva

Os verbos de apreensão perceptiva são verbos que sinalizam uma impressão específica do sujeito que a recebe. Exemplos desses verbos são: olhar, ver.

- Verbos de apreensão intelectual

Os verbos de apreensão intelectual são marcados pelos verbos de opinião, que indicam o grau de certeza do sujeito frente ao denotado. Os verbos e locuções como parecer, estimar, pensar, acreditar, saber, estar certo, estar persuadido, estar convencido são alguns exemplos.

B. Verbos intrinsecamente subjetivos

A fonte de avaliação dos verbos intrinsecamente subjetivos é o sujeito da enunciação. A avaliação se refere ao processo denotado, os verbos deste tipo implicam uma avaliação feita pelo locutor sobre tal processo de maneira axiológica. Os verbos intrinsecamente subjetivos são os verbos que avaliam o processo de interação e/ou seu interlocutor como bom/mau e também com os verbos de opinião, de julgamento e de dizer (*dicendi*).

•Verbos de avaliação boa/má

Como exemplos de verbos que sinalizam uma atitude boa ou má, temos: cometer, reincidir, infligir, ressentir, fracassar, triunfar, dedicar, degenerar, retroceder, merecer, correr perigo, beneficiar, privar, suportar, confessar, reconhecer, admitir.

•Verbos de avaliação verdadeiro/falso/incerto

Os verbos de avaliação verdadeiro/falso/incerto são intrinsecamente moralizantes e dividem-se em três categorias: verbos de julgamento, de dizer e de opinião.

-Verbos de julgamento

Os verbos de julgamento são verbos axiológicos e ao mesmo tempo modalizadores. Criticar, acusar, condenar, julgar e elogiar são alguns exemplos desses verbos.

-Verbos de dizer

Os verbos do eixo do dizer classificam-se em duas categorias. Os verbos dizer, afirmar, declarar e sustentar são alguns exemplos de verbos cuja atitude avaliativa do locutor independe do grau de intensidade do comportamento enunciativo de X. A outra categoria são os verbos modalizadores, tais como: pretender, reconhecer, confessar, admitir.

-Verbos de opinião

A estudiosa apresenta dois eixos que intervêm no funcionamento dos verbos de opinião: o eixo da atitude de X frente a certa opinião (eixo vertical) e o eixo da atitude do locutor em relação à sua opinião (eixo horizontal).

Esses dois eixos podem ser visualizados no seguinte quadro elaborado por Ducrot (1980 *apud* KERBRAT-ORECCHIONI 1980 p.146):

Pressuposição Afirmação	Opinião verdadeira	Opinião falsa	Opinião nem verdadeira/nem falsa
+	Sabe	Imagina	Está certo Pensa Acredita Está convencido
-	Ignora		
?	Suspeita		

Quadro 2: Relação dos eixos de pressuposição e de afirmação elaborado por Ducrot.

Com o estudo sobre os verbos, pudemos observar que Kerbrat-Orecchioni estruturou os verbos em dois eixos. O primeiro refere-se à fonte da avaliação, que pode ser o agente do processo (verbos ocasionalmente subjetivos) ou o sujeito da enunciação (verbos intrinsecamente subjetivos). O segundo eixo refere-se ao juízo avaliativo que provem do eixo bom/mau ou do verdadeiro/falso.

Sobre os advérbios, a lingüista afirma que eles oferecem exemplos de todas as unidades subjetivas (termos afetivos e avaliativos, axiológicos e não axiológicos e modalizadores). A estudiosa não desenvolve um trabalho detalhado sobre eles, apenas enumera alguns princípios, em relação à modalização, a fim de classificá-los em diferentes subclasses. Em um desses princípios, a autora, calcada nos estudos de Meunier (1974), apresenta a oposição entre a modalidade do enunciado e a modalidade da enunciação. A primeira refere-se ao sujeito do enunciado, enquanto a segunda ao sujeito falante.

Outro princípio refere-se aos modalizadores que implicam um juízo de verdade e aos que implicam um juízo sobre a realidade. Talvez, provavelmente, sem dúvida, certamente, seguramente são exemplos que implicam juízo de verdade. Em relação aos juízos sobre a realidade a autora cita os seguintes advérbios: realmente, verdadeiramente, efetivamente, de fato.

A autora também apresenta advérbios que funcionam como expressões restritivas e apreciativas, por exemplo: apenas, quase, somente.

A categorização que expusemos não é rígida, já que a própria autora, de acordo com Pires (2000, p. 82), afirma “que qualquer tipo de categorização rígida para os modalizadores é frágil, pois eles são polissêmicos, dependendo do enunciador, do contexto discursivo e da situação sócio-histórica em que foram produzidos os enunciados em que estão empregados”. Essas categorias gramaticais adquirem sentido no momento da enunciação, suscitando reações e respostas do interlocutor.

Dialogando com os estudos de Bakhtin, este argumenta que o locutor usa a palavra para atender a seus objetivos numa determinada situação enunciativa frente a um determinado auditório. Assim, ele não transmite apenas a sua maneira de pensar, de falar e de viver, mas sim a sua maneira de ver e de representar.

De acordo com Bakhtin

as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes. (1997, p. 184)

O locutor expressa a sua posição emotiva-valorativa frente a si, à sua vida, à sua realidade enfim a um dado objeto, usando recursos lingüísticos oferecidos pela língua, que emitem um juízo mediante um enunciado concreto.

Na análise, verificaremos, em especial, o papel dos verbos e dos advérbios na construção dos sentidos da imagem do autor criador, porém não ignoramos a presença de substantivos e adjetivos que presentes nos enunciados auxiliam na análise da construção da imagem de si.

Na próxima seção, vamos discorrer, de maneira breve, sobre a história e a imagem das mulheres desde alguns anos antes da I Guerra Mundial.

1.3 AS MULHERES NA HISTÓRIA

Nesta seção, vamos discorrer, de maneira breve, sobre a história das mulheres. Como eram representadas, como eram vista e como foi o estudo do percurso delas até os dias atuais, são alguns pontos que destacaremos. Seguimos esse trajeto para chegar aos movimentos contestatórios, dentre eles, o feminismo. Com ele, o estudo sobre gênero foi se difundindo, o que nos permite, hoje, discutir as relações sociais de gênero nos diferentes discursos do cotidiano.

Desde que a história foi instaurada como disciplina, os homens eram os únicos historiadores, conseqüentemente, escreveram a sua história como a universal, ofuscando, dessa forma, a das mulheres. Esse universalismo hierarquizou a diferença entre os sexos, impulsionando a desigualdade entre eles.

De acordo com Colling (2004, p.15), as representações sobre mulheres atravessaram os tempos estabelecendo na história o pensamento simbólico da diferença entre os sexos. As mulheres assumem uma simbologia antagônica, ora são mães, esposas dedicadas, a legítima “rainha do lar”, ora são a Eva, a pecadora. Para as mulheres, geralmente, cabe o privado, o lar onde são louvadas e santificadas, por outro lado, o lugar de destaque dos homens é o público, o político, o lugar onde predomina o poder. Segundo a história, as mulheres que transgrediam os seus papéis determinados pela sociedade e ultrapassavam seus espaços estavam traindo a natureza.

A oposição feminino/masculino impôs às mulheres o espaço doméstico e seu papel maternal. O corpo da mulher e suas produções, ou seja, a menstruação, a gravidez e o parto ofuscaram a outra forma de criação: a participação social. Nesse contexto, fala-se no silêncio das mulheres, assunto que trataremos no próximo item.

1.3.1 O silêncio das mulheres

O silêncio das mulheres deriva tanto da invisibilidade dos registros que compõem a história, quanto dos poucos registros escritos e deixados por elas.

A invisibilidade das mulheres nos relatos deu-se porque o privado, espaço feminino por excelência, era ignorado em tais escritos, somente o espaço público, as guerras, os reinados, os homens “ilustres” eram relatados. Nesse contexto, os visíveis eram os homens que transmitiam de geração em geração o seu sobrenome e assim faziam a história de uma família, de uma sociedade. Para Perrot (2007, p. 17), esses homens são os ditos “grandes homens”. A existência das mulheres nesses registros, quando havia, era a da mulher piedosa, da santa ou seu contraponto: a prostituta, a escandalosa.

A pouca visibilidade das mulheres também acarretou no silêncio de seus próprios registros. Os poucos vestígios escritos e/ ou materiais deixados pelas mulheres deram-se tanto pelo acesso tardio que elas tiveram à escrita; quanto pela dispersão e distribuição de suas produções domésticas. Por exemplo, as cartas que escreviam eram extraviadas e/ou queimadas porque criam que os fatos de sua vida ali relatados não tinham interesse algum.

Os cronistas pouco se referem a elas nos seus escritos e quando o fazem, recorrem aos estereótipos, generalizando as informações: “as mulheres são”, “a mulher é” (Perrot 2007, p.17). Assim, são mulheres representadas e não contadas.

1.3.2 A hora das mulheres

Pensar sobre a história das mulheres é pensar no seu lugar, na sua condição, nos seus papéis, nas suas ações, na sua voz, na sua representação. A história das mulheres não consiste em tê-las como objeto dessa história, mas sim vê-las na (inter) relação que há entre elas, a sociedade e a história dos homens.

A guerra afetou a ordem social e conseqüentemente a do trabalho. Os anos da I Guerra Mundial serviram de estopim, sobretudo nos países europeus, para dar espaço às mulheres na esfera pública. Convocadas para trabalhar na indústria, elas soltaram as amarras que as prendiam e contemplavam a emancipação da vida privada.

A I Grande Guerra foi uma experiência de liberdade e também de responsabilidades para as mulheres pela valorização que foi dada ao trabalho

feminino, ao serviço feminino à pátria e pela abertura de novas oportunidades profissionais. Houve a transposição das barreiras entre trabalhos femininos e masculinos. Para citar um exemplo, a profissão de professor, predominantemente masculina, na época, iniciou um processo de feminização. As mulheres trabalhavam também em cafés, hotéis, no comércio, em bancos, na administração, tornaram-se mulheres visíveis, porém limitadas pelo reforço contínuo dos papéis tradicionais.

Nos anos 20, com o avanço tecnológico e a propagação dos meios de comunicação de massa difundiu-se a imagem da mulher americana: uma mulher moderna para a sua época.

Nos anos 30 e 40, destacaram-se a popularização dos produtos de beleza e as novas tecnologias que facilitavam a alimentação dos bebês. Esses fatores mudaram a rotina das mulheres transformando o espaço doméstico e também ajudou reforçar o perfil dessa nova mulher.

A década de 50 foi marcada pelo refluxo das tendências feministas, nos países europeus e nos Estados Unidos, devido ao pós-guerra (pós II Guerra Mundial) e com isso as mulheres regressaram à esfera privada. A mídia divulgava o apogeu da “mãe dona-de casa”, condição denunciada por Betty Friedan, em 1963, com a sua obra *The feminine mystique*. A autora chama atenção para o fato de ainda prevalecerem a discriminação sexista e a desvalorização do trabalho feminino. Pires (2000) afirma que ocorria novamente “uma naturalização do trabalho em decorrência das diferenças de sexo”. As transformações tecnológicas, econômicas e sociais tornaram a mulher mais visível, porém esse avanço ainda era tímido em relação à história dos homens.

Com o fim da II Guerra Mundial, nos anos 50, houve um crescimento urbano, industrial, educacional e profissional dando oportunidades tanto para mulheres quanto para homens.

Porém, a urbanização afetou, de uma maneira ou de outra, alguns padrões culturais. As jovens passaram a se questionar sobre qual era o comportamento adequado que deveriam ter frente aos rapazes: serem transparentes ou usarem uma máscara de convenções, era a pergunta. Frente a esses questionamentos, algumas mulheres transgrediram a norma e passaram a fumar, a ler revistas consideradas proibidas, a usar roupas e penteados sensuais, a pensar e investir na vida profissional, a contestar seus pais e a moral sexual. Bassanezi (1997, p. 624) aponta que “seus questionamentos e contestações colocaram em perigo as normas de

comportamento e contribuíram para a ampliação dos limites estabelecidos para o feminino”.

Na mesma década, aumentou a participação feminina no mercado de trabalho, já que surgiram novas oportunidades profissionais, tais como: enfermeiras, professoras, médicas, assistentes sociais, vendedora. Oportunidades que exigiam qualificação das mulheres e assim provocaram mudanças no seu status social delas. Diante desse avanço considerável, surgiram preocupações, pois se pensava que as mulheres deixariam as tarefas domésticas em segundo plano, colocando em risco seu casamento.

No final dos anos 60 e início dos 70, ocorreram questionamentos ligados a algumas questões sociais relativas à crise do marxismo bem como em relação às teorias estruturalistas. Como consequência, foram propostas alianças entre disciplinas e houve a supremacia da subjetividade. Nesse contexto, a história une-se à antropologia e redescobre a família. Segundo Perrot (2007), a história apreendia questões como natalidade, nupcialidade, mortalidade e, assim, colocava as mulheres como sujeitos presentes na vida e na sociedade.

Dentre os fatores sociológicos, destaca-se a presença das mulheres na Universidade. Nos anos 70, as estudantes somaram um terço dessas matrículas e depois da II Guerra Mundial, as mulheres tornaram-se docentes.

Já a década de 70 foi marcada pelos movimentos reivindicatórios nas ciências sociais e nas humanas. Essas mudanças ampliaram o acesso das mulheres à educação, ao desempenho de diversas atividades e à emancipação sexual com a pílula anticoncepcional. Juntamente com essas reivindicações, os anos 70 inauguraram novos estudos no campo feminista. Nesse período, sobressaiu o movimento das feministas francesas. Tal movimento dividiu-se entre as seguidoras das tendências marxistas e as do pensamento psicanalítico. Pires (2000) com base em Certeau (1974) afirma que esses movimentos contradizem o senso comum e alguns valores sócio-culturais. Há um desejo de romper com o instituído e encontrar um espaço em que seja possível ter uma representação cultural que possa estruturar os significados e dar forma às experiências vividas. Nessa perspectiva, os movimentos feministas de 60 e 70 inscreveram o feminismo como uma categoria de identificação cultural. De acordo com Pires (2000, p. 131),

o crescimento dos movimentos de liberação das mulheres na Europa e nas Américas, integrando os movimentos de reivindicação social em sua luta contínua por igualdade, cidadania e emancipação, coincidindo com a

expansão da mão-de-obra feminina na economia pós-industrial, começou a modificar o panorama ocidental das relações sociais de gênero.

Tais modificações influenciaram as teorias críticas feministas, que contemplavam a teoria de gênero. Tal teoria começou a se desenvolver nas ciências humanas e sociais durante a década de 80. As pesquisas de gênero, ou seja, de relações de gênero, que envolvem mulheres e homens estudavam não só a experiência feminina, mas sim as diferenças entre raça, classe e gênero nas relações sociais.

O Brasil acompanhou as tendências internacionais de modernização e emancipação das mulheres com a participação delas nos embates políticos e no desenvolvimento econômico.

No Brasil, os estudos sobre as relações sociais de gênero ocuparam o espaço universitário a partir dos movimentos reivindicatórios da década de 70 e com as mudanças das teorias feministas de gênero nos anos 80.

De acordo com Louro (2003), podemos identificar duas ondas do movimento feminista. A primeira ficou conhecida como movimento sufragista devido à busca de direitos das mulheres pela igualdade ao voto.

A segunda fase configurou-se no ocidente, nos anos 60 e 70 do século XX, durante os movimentos de contestação que ocorriam na França com as manifestações de maio de 1968. Nessa fase, o Brasil vivia a eclosão de movimentos de oposição à ditadura militar.

Esta fase abrigou os movimentos feministas que buscavam o reconhecimento de um investimento na produção de conhecimento que objetivasse denunciar, compreender e explicar a subordinação social e invisibilidade política das mulheres.

A história das mulheres foi se construindo com o passar dos anos pela dicotomia mulher/homem. Assim, escrever a história das mulheres é partir da compreensão de um “projeto de verdade” construído e instituído na sociedade a partir do qual foram instauradas verdades universais sobre o que é ser mulher e ser homem. Nessa perspectiva fala-se na dicotomia público/privado, no feminismo da igualdade e da diferença, entre outras.

O movimento feminista permitiu que as mulheres avançassem até o espaço público, lugar de incertezas, de medos, de desafios. Até os anos 70, a trajetória de vida, os sonhos, os projetos das mulheres já eram conhecidos, o seu lugar social, psíquico e afetivo era bem demarcado. Sabiam-se quais eram os compromissos e

espaços das mulheres e dos homens. O cotidiano dos homens era marcado pelo trabalho assalariado que interessava à sociedade, já o das mulheres pelas tarefas gratuitas que interessavam à família. Foi nessa década que, cansadas da inferioridade, repudiaram a herança cultural e gritaram pela igualdade

As mulheres enfrentaram o espaço público, buscaram se adaptar ao novo perfil, porém ainda escondiam as raízes do privado, como seqüelas hereditárias que permaneciam na sua vida familiar, na sua maneira de agir e de pensar. Nessa trajetória, diante da superioridade masculina instituída culturalmente, as mulheres se depararam com a armadilha da igualdade. Oliveira (1999, p. 56) coloca que “no bojo da imensa produção de idéias que o feminismo gerou, dos panfletos mais banais à produção teórica significativa, encontram-se as pistas dessa auto-interrogação que, ao longo dos anos 80, iria transformar as demandas de igualdade em uma busca angustiada dos traços da diferença”.

Diante disso, as mulheres cujo desmerecimento predominava, aceitaram um mundo igualitário em que continuariam as mesmas mulheres, porém acrescentando às suas vidas vivências exclusivas de homens. Desse modo, o feminismo da igualdade surgiu sem equidade, resultando na soma: feminino + masculino = masculino.

O feminismo da diferença, segundo Oliveira, é pós-feminista porque pretende corrigir as distorções do feminismo da igualdade e não negá-lo. A autora (1999, p. 109) acrescenta que “o projeto da diferença é, antes de tudo, o reconhecimento de que o universo feminino existe, de que ele é fruto de um corpo que se fez experiência histórica e social, de um psiquismo que se fez cultura”. É ele que afirma os valores que constituem a identidade feminina a fim de reivindicar a sua presença em todas as instâncias sociais, (re) valorizando o que é próprio das mulheres: o seu modo de agir e estar no mundo sem renunciar aos seus valores para atingir a igualdade social.

No próximo item, vamos apresentar considerações sobre o termo gênero nos estudos feministas.

1.3.3 Considerações acerca da definição do termo gênero

Neste espaço, veremos como o termo gênero começou a ser usado nos estudos feministas até o conceito adotado por Scott⁴.

Segundo essa autora (1995, p. 72), a primeira menção ao termo gênero deu-se pelas feministas americanas para enfatizarem o caráter social das distinções dos sexos. Nessa acepção, o termo indicava “uma rejeição do determinismo biológico de termos como “sexo” ou “diferença sexual” (1995, p. 72). Algumas estudiosas, preocupadas com os trabalhos desenvolvidos sobre as mulheres de modo estreito e separado, passaram a utilizar o termo gênero para introduzir uma noção de relação. Para essa concepção, mulheres e homens eram definidos reciprocamente e não de modo separado. Desse modo, gênero era uma categoria relacional, ou seja, dialógica.

Em 1975, Natalie Davis afirmava que o objetivo dessas estudiosas era o de compreender a questão de gênero num passado histórico. Assim, buscavam descobrir os papéis e simbolismos sexuais de diferentes sociedades em diferentes períodos e encontrar seu sentido e funcionamento a fim de manter ou mudar a ordem social.

Essas pesquisadoras pretendiam alargar as noções tradicionais dos estudos sobre gênero e inserir as mulheres na história por meio de suas experiências pessoais, subjetivas e de suas experiências na vida pública e na política.

De acordo com Scott (1995, p. 73), para essas estudiosas tal mudança acarretaria uma nova história, que dependia da nova abordagem dada ao termo gênero como uma categoria analítica. Essa nova história foi marcada pelas experiências das mulheres vítimas, oprimidas e prejudicadas pela desigualdade de poder. O envolvimento das pesquisadoras nessas questões acarretou a conexão de gênero com classe e raça.

Os trabalhos sobre gênero eclodiram com o surgimento de novas pesquisas, o que levou as estudiosas a buscarem teorias que efetivamente contribuíssem com a problemática. Segundo Scott, foi no final do século XX que se manifestou uma preocupação teórica em relação ao termo gênero enquanto categoria analítica, pois

4 Joan Scott é especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França. Ela é uma das mais importantes teóricas que estuda o uso da categoria gênero em história.

era necessário analisar como funcionavam as relações sociais e como elas se organizavam na história e organizavam a história.

Para Scott (1995, p. 86), a definição de gênero é composta de duas partes: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

As relações sociais de gênero são construídas socialmente em todas as instâncias por meio dos discursos, das doutrinas, da mídia, da escola. Ser mulher e ser homem é um processo contínuo, não linear e nunca completo, pois tal construção sofre influência de diversas instituições sociais e práticas sociais. A escritora Simone de Beauvoir sintetiza esse processo com a sua conhecida frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Assim sendo, entende-se que a mídia contribui diariamente para a construção progressiva da relação de gênero e reflete em seus discursos e nos que veicula valores tradicionalmente instituídos do que é ser mulher e ser homem em nossa época.

1.4 MÍDIA E CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO

Os discursos midiáticos produzem efeitos de sentido na vida social e assim abrigam estratégias que visam à concretização de certas ações sociais mediadas pela linguagem. A mídia pelo seu poder persuasivo permite às pessoas tomarem certos posicionamentos sobre determinados comportamentos e representações sociais, sejam eles conservadores ou não, o que possibilita à sociedade pensar e repensar sobre a vida moderna / contemporânea e seus valores.

Vimos que a relação social de gênero é um construto histórico. A mídia acompanha os avanços e também pontua os comportamentos tradicionais que marcam a relação mulher, homem e sociedade.

A mídia é um espaço no qual podemos acompanhar o movimento das mudanças sociais. Ghilardi-Lucena (2002) afirma que os valores estabelecidos na sociedade passam a ser divulgados pela mídia, construindo, desse modo, uma

imagem das mulheres ou refletindo uma imagem que elas, os homens e a sociedade fazem da figura feminina.

Telles (1993 *apud* GHILARDI-LUCENA 2002 pp. 9-10) afirma que os diferentes tipos de mulheres retratados nas obras literárias agora estão refletidos na mídia:

A fatal impossível de ser subjugada, que se mantém independente do jogo social, atrai o homem e o arrasta à fatalidade; a mulher traidora, que trai deliberadamente, tem mau caráter; a mulher redentora, figura muitas vezes identificada com a santa, a mártir; a mulher companheira, aquela que opta por ficar ao lado do homem, que transita num mundo antes essencialmente masculino; a mulher mãe, a geratriz, não só de filhos, mas de idéias, ações; e, finalmente, a mulher inatingível, autêntica musa inspiradora, essência de um feminino idealizado por muitos homens.

Ghilardi-Lucena (2002), em adição, aponta que os discursos da mídia movimentam enunciados que aderem ora a comportamentos tradicionais ora àqueles que acompanham a emancipação das mulheres e a modernidade.

Essa autora realizou um estudo que nos permite visualizar a oposição tradicional entre mulheres e homens.

MULHERES	HOMENS
Emoção	Razão
Sensibilidade	Inteligência
Submissão	Liberdade
Fragilidade	Força
Suavidade	Agressividade
Aceitação	Decisão
Ser protegida	Protetor
Fidelidade	(In) fidelidade
Ser conquistada	Conquistador

Quadro 3: Oposição tradicional entre mulheres e homens – Ghilardi-Lucena (2002, p.126)

Conforme o estudo de Ghilardi-Lucena, antigamente, as imagens das mulheres publicadas na mídia eram de mulheres mais emotivas e sensíveis do que a imagem dos homens. A mídia publicava imagens de mulheres que aceitavam as imposições, eram mais submissas e dependentes, necessitando da proteção masculina, deixavam-se conquistar, pois tinham receio de tomar iniciativa e serem condenadas pela sociedade.

O discurso da mídia sobre as mulheres mudou lentamente e nos anos 90 percebem-se tanto os avanços quanto a tradição dos comportamentos nesses

discursos. Ghilardi-Lucena (2002, p. 132) afirma que “as mulheres emanciparam-se, conquistaram maior liberdade de decisão e estão ocupando novos papéis sociais. Ao mesmo tempo, procuram manter a feminilidade do passado nos moldes atuais”.

Com base nessa afirmação, a estudiosa organizou outro quadro comparativo para ilustrar as mudanças e as permanências ocorridas na imagem feminina dos anos 60 aos 90, registradas pela mídia. No quadro a seguir, podemos observar as principais mudanças na imagem feminina.

TRADIÇÃO	MODERNIDADE
Dependência	Emancipação
Submissão	Liberdade
Fragilidade	Força psicológica
Aceitação	Decisão
Fidelidade	(In)fidelidade
Conquistada	Conquistadora
Dedicada ao lar	Dedicação a si própria
Beleza natural	Beleza artificial
Velhice precoce	Juventude prolongada
Sensualidade velada	Sensualidade exposta
Inteligência reprimida	Inteligência mostrada
Ingenuidade	Malícia
Autodesprezo	Auto-estima
Ser “igual”	Ser “diferente”

Quadro 4: As mulheres no tempo: tradição e modernidade. Ghilardi-Lucena (2002, p. 132).

O seguinte quadro apresenta as principais características que permaneceram nos discursos da mídia entre os anos 60 e 90.

O que permaneceu

TRADIÇÃO	MODERNIDADE
Sensibilidade	Sensibilidade
Delicadeza	Delicadeza
Suavidade	Suavidade
Charme	Charme
Afeto maternal	Afeto maternal
Romantismo	Romantismo

Quadro 5: As mulheres no tempo: tradição e modernidade. Ghilardi-Lucena (2002, p. 132).

As mulheres avançaram muito, passaram do “sexo frágil” para o sexo forte. Essa emancipação foi e é alvo do discurso midiático, porém este atua na contraposição: tradicional/moderno. A mídia cria o estereótipo feminino e masculino baseada em valores sociais e históricos. Essa dicotomia tradicional x moderno pode ser notada nas cartas analisadas neste trabalho.

De acordo com Ghilardi-Lucena (2002), a mídia, no final do século XX, retratou as principais transformações na imagem das mulheres contrapondo à imagem dos homens, ou seja, alguns atributos antes restritos e característicos da imagem deles passaram a ser característicos da nova mulher. As mulheres modernas, segundo a autora, estão mais decididas, mais livres, assim, novos comportamentos foram perpassando o discurso da mídia.

Nesta fase, a figura feminina, calca-se nos novos comportamentos, os quais estão relacionados com a razão, inteligência, liberdade, força de lutar pela igualdade. Desse modo, a figura feminina está mais independente do homem e aparece com mais ousadia na conquista amorosa. Diante de tantas conquistas e transformações, percebe-se que as mulheres não temem expor seus anseios, seus medos, suas incertezas nem suas conquistas na mídia.

Novas relações sociais de gênero se constituem e, conseqüentemente, novas identidades, novas imagens de si são construídas socialmente resultantes da interação entre eu e o outro e materializadas pela linguagem, pelo discurso. Ghilardi-Lucena (2008, p. 17) afirma que “o discurso sobre o homem é atravessado pelo discurso sobre a mulher”.

Segundo a pesquisadora, os discursos naturalizados na sociedade a partir de modos de viver, de pensar e de falar, que determinam de certa forma, o que deve ou não ser dito, o que deve ou não receber um juízo de valor são muitas vezes solidificados pela mídia. Esta atua tanto na produção quanto na circulação de discursos que determinam como devemos observar e avaliar a relação mulher/homem na sociedade, em casa, na vida profissional.

As relações sociais de gênero são constituídas a partir da interação mulher/homem na sociedade e havendo mudanças sociais haverá mudanças nessas relações. Nas palavras de Ghilardi-Lucena (2008, p. 18), “os papéis sociais de homens e mulheres estão se alterando e o século XXI mostrará atitudes e comportamentos bem diferentes daqueles dos séculos passados”. Esses papéis sociais, as atitudes e os comportamentos de mulheres e homens contemporâneos

são alvo da mídia, que acompanha as mudanças sociais e atinge toda a sociedade pelas revistas, pelos jornais, pela Internet, pela televisão.

Marcello (2005, p. 159) afirma que os meios de comunicação ancorados em diversas estratégias de linguagem mostram-se como o lugar privilegiado da informação, buscando captar o leitor na sua intimidade, produzindo nele a possibilidade de se reconhecer e/ou reconhecer (supostas) verdades veiculadas na mídia. Desse modo, os leitores podem se auto-avaliar a partir do apelo dado à exposição da intimidade, que se torna pública no meio virtual/eletrônico.

Atualmente, muitas revistas impressas possuem seu endereço na Internet. Nele, além de algumas matérias presentes na forma impressa, publicam colunas que somente podem ser lidas no *site*. A revista *Veja* é um exemplo dessas revistas, pois na sua versão impressa há uma página que publica as colunas e as matérias que podem ser encontradas no meio virtual/eletrônico. Tal espaço pode ser acessado tanto pelos leitores assinantes quanto pelos que não são assinantes. A coluna a que nos referimos neste trabalho, *Consultório Sentimental*, é publicada somente no meio virtual/eletrônico.

As revistas são textos de cultura em massa mais lidos pelas pessoas, afirma Caldas-Coulthard (2005). As revistas têm um papel importante na manutenção e inovação dos valores culturais de gênero e da sociedade, já que a escolha das matérias, das colunas, das publicidades, etc. são selecionadas de acordo com a ideologia da revista: publicar para vender.

Creemos que a ocupação do meio virtual/eletrônico pelas revistas se dá para acompanhar uma nova maneira de vida. Na busca por novos atrativos, novas maneiras de persuadir o leitor e de atraí-lo, acredita-se que a revista *Veja.com* optou por publicar o gênero *carta de aconselhamento*, típico de revistas femininas. Entende-se que o objetivo dessa revista de informação em publicar esse gênero discursivo num novo espaço de circulação seja uma estratégia para atrair mais leitores, possibilitando a eles o acesso às demais colunas da revista assim como das matérias ali publicadas.

1.5 VEJA IMPRESSA E VEJA.COM

Sabadini (2005) com base em Moherdau (2002) afirma que o *site* da revista *Veja.com* entrou em vigor em junho de 1997. Na época, funcionava apenas como reprodutor e depósito de arquivos anteriormente publicados na revista impressa. Foi em junho de 2000 que o *site* começou a publicar notícias.

Essa estudiosa acrescenta que, em fevereiro de 2000, a revista impressa fez a primeira menção à revista *on-line* na seção *Cartas*. A partir de maio de 2000, a revista *on-line* começou a ser divulgada com mais evidência e o que antes era uma nota passou a ocupar uma página inteira na revista impressa.

Dois anos depois, as notícias da revista *Veja* impressa ganharam conteúdo extra na forma *on-line*, como trailer de filmes, fotos adicionais, complementação de assuntos limitados na impressa, entre outras vantagens. Na revista *on-line*, o leitor também pode interagir com os jornalistas, participar de discussões via-rede e de enquetes.

Sabadini (2005, p.1391) aponta que “atualmente, todos esses atrativos continuam a ser oferecidos pelo *site*, mas com a diferença de que, agora, são muito mais numerosos e variados”. De acordo com a mesma autora, a maioria das reportagens da revista coloca no final do texto uma nota informando para o leitor que ele pode obter mais informações sobre a matéria na revista *on-line* e indica o endereço eletrônico.

Para essa estudiosa, o conteúdo *on-line* está ligado ao crescimento da rede mundial de comunicação: a Internet.

A autora discute também o papel do leitor, que chama de o leitor virtual. Para ela, esse leitor pode escolher no *site* o caminho que deseja trilhar e os *links* que deseja abrir. Acrescenta que essa flexibilidade permite ao leitor virtual criar uma nova leitura a cada conexão que efetua, montando assim a sua revista de acordo com seus assuntos preferidos.

Chartier (2002, p.25 *apud* SABADINI 2005 p.1393) afirma que,

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera.

O espaço *on-line* permite navegação ilimitada para o leitor, porque cada matéria traz *links* que o levam para outros caminhos. De acordo com Sabadini,

a liberdade com que o leitor escolhe o que deseja aprender de novo e o que vai descartar, porque já conhece se faz de forma mais simples e desimpedida no contexto on-line. Pois, neste universo, as possibilidades são inúmeras e as escolhas só dependem de quem o acessa. (2005, p. 1395)

De acordo com o *site* www.publiabrilcom.br, a Internet proporciona muitos benefícios para o internauta por:

- proporcionar a integração ao ambiente de pessoas que estão interessadas no conteúdo e nos serviços prestados;
- abusar da interatividade para levar uma mensagem mais atrativa e diferenciada e oferecer serviços e produtos que o usuário procura;
- oferecer conteúdo e produtos específicos com foco no *target* sem dispersão;
- manter um relacionamento estreito com seu *target* a fim de conquistar a sua fidelidade;
- proporciona aos anunciantes a possibilidade de associar a sua marca à Abril.

A Internet tem seu foco no *target* e por isso oferece várias vantagens ao internauta, dentre elas o *site* destaca que o meio virtual/eletrônico mantém um estreito relacionamento entre o consumidor e o que está sendo anunciado e ou publicado; a Internet dispõe de serviços a baixo custo para o leitor; proporciona, muitas vezes, soluções em tempo real. Isso, de certo modo, instiga o leitor a visitar o *site*. No caso da coluna *Consultório Sentimental*, para o leitor que deseja efetuar contato basta clicar no *link* e enviar seu e-mail. Dessa forma, a Internet agrega modernidade e agilidade ao serviço que está à disposição.

Com base nisso, os profissionais que trabalham na esfera midiática, seja ela virtual/eletrônica e/ou impressa, têm o poder de selecionar e divulgar o que for mais conveniente com o propósito a que se dispõem.

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo está organizado em uma seção. Nele apresentamos considerações acerca dos critérios estabelecidos para a seleção do *corpus* e, a seguir, as etapas empregadas na metodologia e na análise.

Como objeto para este estudo foram, primeiramente, selecionadas todas as cartas publicadas na coluna “Consultório Sentimental” presente no *site* da revista *Veja.com* durante o período de maio de 2007 a maio de 2008. Essa coluna recebe as cartas tanto de mulheres quanto de homens via e-mail.

Do total de 52 cartas coletadas nesse período, separamos apenas aquelas escritas por mulheres encerrando 31 cartas. O critério dessa seleção se justifica pelo fato de que o nosso foco recai na análise dos discursos das mulheres que escreveram para a coluna e nas imagens construídas por elas e publicadas pela mídia eletrônica.

Percebemos que os assuntos das cartas se repetiam o que nos permitiu separá-las em cinco grupos: insegurança e medo, traição, conflito íntimo, conflitos familiares e sexo e tradição. Numa primeira classificação encerramos com 3 cartas no bloco sobre insegurança e medo, 3 sobre traição, 10 sobre conflito íntimo, 9 sobre conflitos familiares e 3 sobre sexo e tradição. A partir dessa classificação ficamos com 28 cartas. Desse total, decidimos trabalhar apenas com seis exemplares a fim de a análise não se tornar repetitiva já que percebemos que os mesmos índices modais são recorrentes na maioria das cartas. Dessa maneira, separamos as seis cartas em três grupos: grupo A com uma carta do bloco “conflito íntimo” e outra do bloco “sexo e tradição”.; grupo B com duas cartas do bloco “traição”; grupo C com duas cartas do bloco “conflitos familiares”.

Para que esta pesquisa chegue aos resultados que foram objetivados, analisaremos as cartas na forma como se apresentam aos leitores, ou seja, não levaremos em conta as mudanças que ocorreram durante o processo de editoração.

Além da seleção e delimitação das cartas, buscamos informações acerca das revistas *Veja* e *Veja.com*, tais como: perfil dos leitores (sexo, classe social, idade), perfil do internauta (sexo, classe social, idade), total de leitores, audiência no *site*,

periodicidade, circulação, seções editoriais. Essas informações foram retiradas do site www.publiabril.com.br.

2.1 SOBRE O CORPUS

O objeto de estudo que está sendo analisado neste trabalho é a coluna *Consultório Sentimental*, uma das colunas publicadas pela Revista *Veja.com*. A coluna, atualizada semanalmente, é composta pelo gênero discursivo carta de aconselhamento, que compreende o nosso *corpus* de análise.

Esse gênero discursivo, característico de revistas femininas, desde maio de 2007 ocupa um novo espaço: a revista *Veja.com*. Segundo informações publicadas no site da revista, os *e-mails* que chegam até a colunista passam por uma seleção para serem depois publicados na coluna. A coluna não ocupa uma seção destinada exclusivamente para assinantes, permitindo assim, que o público leitor não assinante possa usufruir desse espaço. O leitor que tem interesse em receber conselhos para acalmar suas inquietações familiares, amorosas, sexuais e existenciais pode apenas acessar o site e efetuar o contato.

As cartas publicadas são respondidas pela escritora e psicanalista Betty Milan autora de diversos livros (*Quando Paris cintila*, 2008; *Paris não acaba nunca*, 1996), ensaios (*E o que é amor*, 1999), romances (*O amante brasileiro*, 2003) e peças teatrais (*Paixão*, 2004; *Paixão de Lia*, 2002). As produções da escritora não se restringem apenas aos títulos citados, apontamos esses a fim de ilustrar a informação dada. Segundo informações da revista *Veja*, Milan especializou-se em Psicanálise com Lacan, na França, e ancorada tanto na Literatura quanto na Psicanálise ela parte da história particular de cada leitor para o que há de universal em seus sentimentos.

A especialista, por meio das cartas, objetiva aproximar-se do leitor, posicionar-se frente ao seu problema e busca aconselhá-lo sobre suas inquietações familiares, pessoais, amorosas, sexuais. Para tanto, organiza seus enunciados em um gênero discursivo específico, *cartas de aconselhamento*, com características recorrentes que contribuem para atingir seu objetivo principal: ditar conselhos, conseqüentemente, causar reflexão e mudança de comportamento do seu leitor.

Temos dois objetivos nesta investigação, conforme já mencionado anteriormente:

- A- Verificar como os **índices de modalização** auxiliam na construção da imagem de si no discurso e assim sinalizam para uma determinada identidade das autoras das cartas;
- B- Com base no primeiro objetivo levantamos outro: observar se esses discursos rompem com o estereótipo tradicional da figura feminina e seu papel social ou pontuam papéis conservadores.

Para que tais objetivos possam ser alcançados, dividimos nosso estudo em quatro etapas. As duas primeiras etapas são contempladas neste capítulo e as seguintes serão apresentadas brevemente neste capítulo, porém analisadas no capítulo 3.

Etapa 1

Na primeira etapa, dividimos as cartas selecionadas em cinco grupos conforme a tendência maior para cada assunto tratado. Dessa maneira, cabe ressaltar que tal divisão não é estanque.

Conforme já informado, selecionamos 28 exemplares, reunidos durante os meses de maio de 2007 a maio de 2008. Desse total, vamos analisar 6 cartas. Cremos que o contexto social em que o objeto de análise se encontra contribui muito para desenvolver o proposto nesta dissertação, porque nos preocupa atentar para as condições de produção, recepção, a fim de analisar o discurso como elemento constitutivo de imagens de si.

Dividimos as cartas em cinco blocos porque pretendemos verificar também se há recorrências, nos grupos, de **índices de modalização** que reafirmem os papéis sociais e identitários dos sujeitos enunciadorees, mobilizados no discurso.

Assuntos	Insegurança e medo	Traição	Conflito íntimo	Conflitos familiares	Sexo e tradição
Títulos das cartas	“Desconfiança”	“Relação clandestina”	“Não é amor”	“Só mãe”	“Pulga atrás da orelha”
	“Medo”	“Seriamente apaixonada”	“Cair na real”	“Armadilha”	“Virgem aos 40”
	“Medo da morte”	“Triângulo amoroso”	“Amor e sexo separados”	“Grito na garganta”	“Ora, o futuro”
			“Idealização”	“Salva por um criminoso”	
			“Por vias tortas”	“Contrato de mãe”	
			“Confusão”	“Atoleiro”	
			“Papo furado”	“Family life”	
			“Submissão”	“Feliz e infeliz”	
			“Coração dilacerado”	“Imprudência”	
				“Sem lugar”	

Quadro 6: Classificação das cartas por assunto.

Desconsideramos analisar todas as cartas já que elas abordam assuntos diversos e assuntos repetidos. Por esse motivo, optamos por analisar cartas cujo assunto fosse recorrente e correspondesse ao relacionamento interpessoal, já que afirmamos que a nossa imagem é construída pelo nosso discurso e pelo discurso sobre e/ou do outro. Desse modo, selecionamos os relacionamentos entre:

- mãe/esposa- marido e filhos
- mulher-marido e parceiro
- mulher – companheiro

Por fim selecionamos seis cartas seguindo esse critério e as (re) classificamos em três grupos (grupo A, B e C), cada grupo é constituído por duas cartas. No grupo A, temos a carta intitulada *Cair na real* do bloco “Conflito íntimo e a carta *Ora o futuro*, do bloco “Sexo e tradição”.

O grupo B compreende as cartas *Triângulo amoroso* e *Seriamente apaixonada*. As duas cartas são do bloco “Traição”.

O grupo C constitui-se das cartas *Contrato de mãe* e *Atoleiro* retiradas do bloco “Conflitos familiares”

Etapa 2

Na segunda etapa, apresentamos considerações gerais sobre as revistas em geral e pontos específicos da revista *Veja* e *Veja.com* atentando para a periodicidade, para as seções editoriais e para o perfil de seus leitores.

Boas (1996), em o *Estilo magazine - o texto em revista*, afirma que cada veículo de comunicação se caracteriza pelo seu estilo, portanto a revista compreende uma grande variedade de estilos: a fotografia, o design e o texto. Além disso, a revista admite usos estéticos da palavra, recursos gráficos e é artística quanto aos aspectos visuais. Esse autor afirma que as revistas, em geral, podem ser divididas em: ilustrativas, especializadas e de informação. *Veja* se caracteriza por ser uma revista de informação.

De acordo com Boas, Roberto Civita, presidente do grupo Abril, argumenta que para uma revista sobreviver é necessário definir bem o seu público, quando mais amplo ele for, mais o seu repertório lingüístico se aproximará das formas confirmadas socialmente.

As revistas lidam com fatos contemporâneos e para publicá-los há planejamento editorial envolvendo ritmo gráfico, visual e sentido das palavras. Segundo Boas (1996), a revista *Veja* publica fatos da semana sem a urgência característica dos jornais, o que possibilita mais cuidado na editoração e também na embalagem da revista. Uma revista semanal de informações “deve oferecer ao leitor discussão e conhecimento, por meio de um texto ágil e bem redigido” (p.78), argumenta o autor.

Para o estudioso, a revista em questão busca responder aos porquês da sociedade de acordo com a sua proposta de ter, no mercado editorial, um produto agradável e requintado. Além disso, afirma que fatores como luxo, alta posição social, feitos extraordinários, beleza física, entre outros valorizam o sucesso da revista. *Veja* também tem como proposta mercantil: manter-se fiel ao seu leitor, cultivando a “filosofia do agradável” (1996, p.92).

Em relação ao estilo adotado, ele pode mudar de acordo com seu público, pois a “tendência de uma revista é a inclinação de seus leitores” (1996, p.102). As

revistas elaboram as matérias de acordo com o interesse do público nacional e da atualidade.

Atualmente, a revista *Veja* impressa está dividida nas seguintes seções editoriais⁵:

Seções	Assuntos
Brasil	Políticos e nacionais que foram destaque da semana
Internacional	Acontecimentos mais relevantes de outros países
Geral	Moda, comportamento, estilo, decoração, consumo e esportes e também temas tecno-científicos como ciência, tecnologia, educação, arqueologia, medicina e saúde.
Economia e Negócios	Conjuntura econômica, os negócios e as empresas
Artes e Espetáculos	Críticas teatrais, cinematográficas, literárias, musical e reportagens sobre televisão e show business;
Páginas amarelas	Entrevistas com personalidades do Brasil e do mundo
Radar	Informações dos bastidores da semana
Datas	Ocorrências significativas da semana
Gente	Personalidade do Brasil e do mundo
Ensaio	Reservada ao jornalista
Espaço Contexto	Fatos relacionados a um fato da semana
Guia	Dicas de consumo, de investimento, conforto e cuidados e também orienta o leitor a usar melhor seu dinheiro alertando-o para as melhores opções e as armadilhas do mercado.

Quadro 7: Seções da revista *Veja impressa*

⁵ Dados retirados do site www.publiabril.com.br/marcas/veja/rev_info.html#seções_editoriais.

Na *Veja.com*, temos as seguintes seções⁶:

Seções	Assuntos
Cartas	Publicação de cartas dos leitores da revista
Veja Essa	Frases de impacto de personalidades e charges
Seção dos livros mais vendidos	
Carta ao Leitor	Veja fala diretamente com seus leitores
Ponto de Vista Coluna	Ocupada por Stephen Kanitz, administrador; Luiz Felipe de Alencastro, historiador e Claudio de Moura Castro, economista
Em Foco	Aparece Gustavo Franco, economista da PUC-RJ e presidente do Banco Central e Sérgio Abranches, cientista político.
Veja Recomenda	O melhor da TV, discos, vídeos, livros vendidos
Diogo Mainardi	Colunista semanal

Quadro 8: Seções da revista *Veja.com*

Além dessas seções, encontramos as colunas permanentes de *Veja.com*, dentre elas a coluna *Consultório Sentimental* assinada por Betty Milan.

A revista *Veja* tem 928.611 assinaturas, 140.466 revistas são vendidas avulsas e comercializadas no exterior totalizando 1069.077 exemplares. Esses dados foram atualizados em agosto de 2008. (fonte IVC)

Segundo dados publicados na Internet, 53% dos leitores são mulheres, 47% são homens. 34% dos leitores pertencem à classe A, 39% à B e 20% à classe C; 33% têm idade entre 25 e 39 anos, 17% entre 10 e 19 anos, 17% entre 40 e 49, 12% têm de 20 a 24 anos e 21% têm mais de 50 anos. O total de leitores é: 8.677.000⁷.

Sobre os internautas⁸ o site www.publiabril.com.br em junho de 2008 revelou que 58% dos leitores da *Veja.com* são homens e 42% são mulheres. 49% dos leitores pertencem a classe B, 31% a classe C e 14% a classe D. 58% dos leitores têm idade entre 25 e 44 anos, 25% têm de 45 a 64 e 16% têm entre 13 e 24 anos.

⁶ Dados retirados do site: www.publiabril.com.br/marcas/veja/rev_info/rev_html#seções_editoriais

⁷ Fonte: Projeção Brasil de Leitores com base nos Estudos Marplan e IVC- consolidado 2007

⁸ Fonte: Pesquisa Nacional Abril/Datalistas- 2007

Conforme dados atualizados em novembro de 2008, a revista *Veja.com* está em primeiro lugar na audiência, no universo das revistas, com 10.049.525 visitas na sua página eletrônica⁹.

Etapa 3

Na terceira etapa, serão apresentados, de modo mais geral, os aspectos constituintes do gênero discursivo *carta de aconselhamento* e a organização contextual e textual das cartas.

Para contemplar esta etapa tomaremos como suporte as pesquisas de Bakhtin acerca do tema, estilo, composição (aspectos constituintes dos gêneros discursivos) e da autoria, tratados no capítulo da Fundamentação teórica.

Para analisar a composição das cartas nos apoiaremos no trabalho de Longacre (1992) que sistematizou os estudos acerca de textos exortativos. Consideramos que as cartas de aconselhamento são textos exortativos, pois partem de um problema da leitora e logo apresentam soluções para serem seguidas. Para esse pesquisador, os textos-resposta apresentam quatro características: a retomada do problema, a autoridade que estabelece os comandos, a presença dos comandos e por fim a motivação.

Etapa 4

Na última etapa, delimitaremos o recorte a ser analisado e logo passaremos para a análise dos **índices de modalização**.

Buscando manter a coerência do aporte teórico, propomo-nos a realizar uma análise discursiva que ultrapassa o nível formal e integra os índices de modalização a uma semântica dialógica que atenta para as relações sociais entre sujeitos em contextos histórico-culturais. Sendo assim, a análise das cartas também abrangerá dois níveis: o nível descritivo (lingüístico) e o nível interpretativo (semântico). No primeiro nível, buscamos descrever as marcas léxico-sintáticas que marcam o sujeito da enunciação. Pires (2000, p. 79) afirma que os segmentos de descrição “não podem ser descritos e interpretados sem que se leve em conta o registro do sujeito, já que são pontos de expressão da subjetividade, atestando a presença do homem na língua”.

⁹ Fonte: Certifica

O segundo nível diz respeito aos efeitos de sentido que se instituem entre as categorias léxico-sintáticas observadas e o contexto sócio-ideológico. Com base no nosso aporte teórico, os sentidos podem ser analisados nos gêneros discursivos a partir da relação entre sujeito, língua e sociedade. Buscamos identificar com a análise proposta o modo como o sujeito diz algo e assume o que diz transparecendo uma imagem de si no seu discurso.

Nas *cartas de aconselhamento*, já podemos antecipar a imagem das mulheres que escrevem as cartas, pois pelo conhecimento que temos sabemos que escrevem para as colunas de aconselhamento aquelas pessoas que precisam de ajuda, que buscam um espaço para discutir seu papel social. Assim, antes de lermos esse tipo de coluna já ativamos o nosso conhecimento prévio sobre as imagens, os discursos e as identidades que vamos ali encontrar.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE

Neste capítulo, apresentamos o desenvolvimento das etapas 3 e 4 mencionadas no capítulo anterior. Dividimos o capítulo em duas seções; na seção 3.1, apresentamos o desenvolvimento da etapa 3 e, na seção 3.2, a etapa 4.

Antes de desenvolvermos essas duas etapas, cremos que seja necessário e de suma importância esclarecer que vamos analisar as cartas como foram publicadas.

Salgado (2005, p. 84) afirma que “o percurso histórico que institui a figura do editor revela que a publicação de um texto nunca foi mera reprodução gráfica de um material tal qual apresentado por seu autor”. Segundo a estudiosa, diversos são os profissionais que trabalham como co-enunciadores para garantir a autoridade do autor e a proficiência necessária para a publicação dos textos.

A pesquisadora argumenta que

embora a versão “original”, ao passar por tratamento editorial, se movimente -às vezes em novas direções, às vezes tornando contundentes certos traços, ou mesmo abrindo mão de outros -, esse movimento do texto não destitui seu autor, não se transforma em co-autoria, e não é propriamente uma reescritura; é ainda escritura do autor, que, por meio da leitura desse outro, anotada pontualmente, navega águas que seu próprio texto permite, e com isso, se não pode fechá-lo definitivamente (porque ele será sempre textualização, movimento de produção dos sentidos diante de cada leitor futuro), procura garantir que certas leituras estejam mais autorizadas que outras, e que certas memórias discursivas tendam a se atualizar, filiando o texto a uma dada rede de dizeres (2005, p. 84)

O tratamento editorial, de acordo com a autora, busca propor ajustes e alterações no gênero discursivo que se está preparando para publicação com base no projeto editorial da empresa. O editor propõe manobras lingüísticas, que são delimitadas pelo texto original e que contribuem para a movimentação do ethos do produtor do texto.

3.1 ORGANIZAÇÃO CONTEXTUAL E TEXTUAL DAS CARTAS DE ACONSELHAMENTO

Retomando o que pontuamos nos pressupostos teóricos, Bakhtin discute a diversidade dos gêneros do discurso e afirma que cada esfera de comunicação social possui gêneros diversos que atendem a determinado objetivo. Sendo assim, cada gênero discursivo apresenta peculiaridades que classificam os gêneros do discurso em uma determinada esfera de comunicação verbal e características estruturais verbais (tema, estilo e composição).

As cartas analisadas, neste estudo, circulam na esfera midiática, portanto, pública. Elas podem ser classificadas como os gêneros íntimos, sobre os quais Bakhtin argumenta que

os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre locutor e o destinatário da fala. (...) O discurso íntimo é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor desvela suas profundezas interiores. É isso que determina a expressividade particular e a franqueza interior desses estilos (1992, p. 323).

A partir da leitura das cartas podemos afirmar que o locutor seleciona fatos que marcam e/ou marcaram a sua vida e, a partir dele, expõe seu problema e pede uma “solução”, não buscando apenas compreender-se, mas também compreender as diversas relações interpessoais das quais participa. Com isso, a profundidade dos aspectos do real é expressa resumidamente, porque o texto não deve ser muito extenso devido à estrutura composicional do gênero discursivo.

Sobre os aspectos constituintes dos gêneros discursivos (tema, estilo e composição), podemos perceber acerca do tema que nas cartas o locutor (quem escreve a carta) e o interlocutor da carta de aconselhamento (quem responde a carta) escolheram esse gênero específico para expor seu problema e aconselhar, respectivamente, de acordo com o seu intuito, com o seu querer dizer que determina o todo do enunciado, o qual está carregado de juízos de valores.

Nas cartas, o discurso problematizador das mulheres direciona o estilo dos enunciados. Assim, elas organizam seu discurso usando marcas lingüísticas que as auxiliam a discorrer sobre a sua história, a sua intimidade, o seu problema.

As *cartas de aconselhamento*, aqui analisadas, apresentam marcas lingüísticas que caracterizam seu estilo, como por exemplo: verbos funcionando

como índices de modalização, predominância da narração no relato do problema do leitor, exposição da intimidade da leitora, o que pressupõe a confiança depositada na colunista/especialista. O discurso desta também apresenta um estilo característico desse gênero associado ao seu estilo de escrever, por exemplo: dita seus conselhos seguindo comandos e/ou sugestões e motiva o leitor para mudar de atitude, usa outras vozes no seu conselho, usa citações de obras literárias.

As cartas configuram-se como espaços de circulação da intimidade, no qual as mulheres refletem seus anseios, suas dúvidas, suas inquietações. Nesse discurso, o locutor vai construindo uma imagem de si pelas escolhas lingüísticas que faz. Nessa interação (eu – outro), juízos de valores são manifestados para avaliar as diferentes condutas de mulheres e homens que estruturam a sociedade.

Em relação à questão da autoria, brevemente apresentada no aporte teórico, podemos afirmar que, neste trabalho, as cartas analisadas, produzidas em condições sociais específicas, confirmam pelas formas lingüísticas nelas impressas(estilo) e pela organização do texto(composição) a existência de sujeitos que falam de si. São autores que criam discursivamente e dialogicamente uma imagem de si.

Em relação à composição, as cartas de aconselhamento dividem-se em duas partes: a carta escrita pela leitora e a carta da colunista, ou seja, estão organizadas em pergunta-reposta, conforme mencionado anteriormente. A primeira parte apresenta características narrativas, enquanto a segunda, que representa literalmente a *carta de aconselhamento*, apresenta uma estrutura exortativa, já que nela os conselhos e comandos são ditados pela colunista.

Caldas-Coulthard (2005, p.129) com base em Barthes (1975) aponta que as narrativas estão presentes em todas as épocas, em todas as sociedades e em diferentes lugares em forma de fábulas, cartas, mitos, biografias, entre outras. Com base nisso, a autora (2005, p.130) afirma que “o texto narrativo é um dos mais atraentes ao representar vívidas experiências humanas, as narrativas em primeira pessoa são um dos esquemas organizacionais mais usados em revistas de cultura de massa”. Elas são caracterizadas por um ponto de interesse, ou seja, um relato instigante para que obtenha êxito.

Pereira & Almeida (2002), com base nos estudos de Longacre (1992), afirmam que para o estudioso os textos exortativos têm a função de modificar o comportamento dos leitores influenciando-os a fazer ou deixar de fazer algo. As

respostas dadas às cartas enviadas pelos leitores podem ser consideradas textos exortativos porque atuam como enunciados que direcionam as atitudes do leitor em relação a determinado assunto.

Segundo o autor, os textos exortativos são formados por quatro partes:

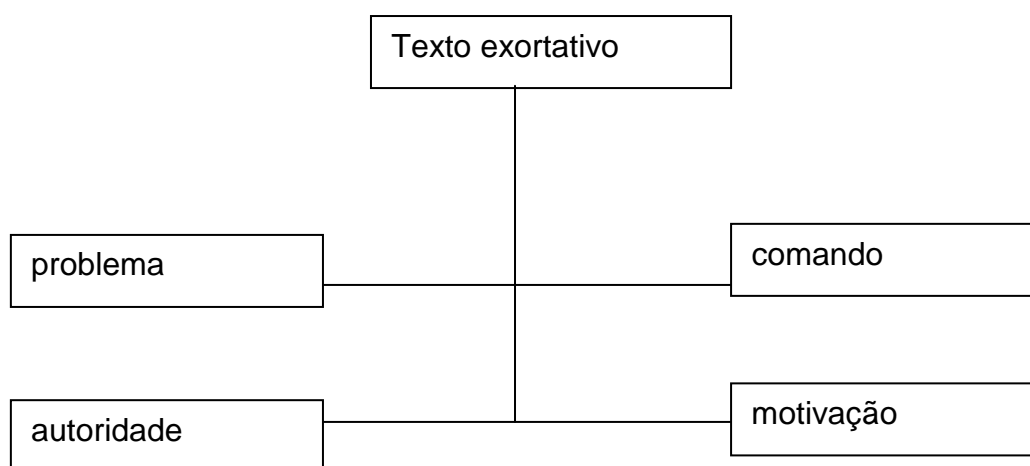


Figura 2: Esquema proposto por Longacre (1992) para análise dos textos exortativos.

O problema sempre está presente nos textos exortativos, pois a leitora só escreve porque tem um problema a ser solucionado. A colunista retoma o problema exposto pela leitora antecipando o comando/sugestão, como pode ser observado nos seguintes exemplos:

Carta 1: “ A questão da idade não é preocupante. Que diferença faz para um homem de 23 anos amar uma mulher de 33 ou 42?” (linhas 19-20).

Carta 2: “ Quem ama não abre mão do amado por nada....Não quer saber da diferença de idade e de altura, e nem precisa resistir às pressões externas simplesmente porque não dá ouvidos a elas. Será que você ama o homem incrível que você conheceu?” (linhas 19-22)

Carta 3: “ Você pergunta se é possível amar dois homens ao mesmo tempo”(linha 11).

Carta 4: “... a paz você já perdeu. Vive enlouquecida pelo desejo que o colega desperta” (linhas 20-21).

Carta 5: “Ser mãe não tem nada a ver com escutar as neuras dos filhos adultos” (linha 14)

Carta 6: “Enquanto você não sair da posição subjetiva atual, não terá como se separar do seu marido” (linha 21)

Depois da apresentação do problema, o papel da autoridade torna-se fundamental já que é ela que estabelece os comandos e/ou sugestões para o seu interlocutor. Neste caso, a autoridade que responde às cartas é a própria colunista, visto que é psicanalista e assim pode responder ao leitor e ditar os comandos e/ou sugestões com credibilidade.

Pereira & Almeida (2002) apontam que os comandos caracterizam o texto exortativo, pois é nessa etapa que a/o colunista dita passos e/ou ordens com a finalidade de mudar o comportamento do seu interlocutor em relação ao seu problema. Em nosso *corpus*, constatamos que os seguintes comandos/sugestões:

Carta 1: “ Acho que você deve cair na real vivendo a paixão” (linha 12).

Carta 2: “O melhor é apostar e acertar no presente” (linhas 33-34).

Carta 3: “Em vez de se culpar, você, que ama dois homens e não tem como se separar de nenhum, devia aprender a se equilibrar no triângulo e ficar bem com esta solução” (linhas 34-35).

Carta 4: “O que resta se não “consumar a paixão” ...(linhas 21-22).

Carta 5: “Você só precisa escutar o suficiente” (linhas 15-16)

Carta 6: “O seu marido não precisa da sua complacência e sim de tratamento. Que tal dizer isso a ele na próxima crise de choro?” (linhas 31-32).

O último aspecto do modelo de Longacre é a motivação. Longacre (1992, *apud* PEREIRA & ALMEIDA, 2002, p.253) argumenta que as motivações são “essencialmente ameaças com previsões de resultados indesejáveis e promessas com previsões de resultados desejáveis”. Nas cartas analisadas, encontramos a motivação nos seguintes fragmentos:

Carta 1: “ Pena seria você não ousar o prazer da carícia. O virtual tem limites. A garantia que ele dá não compensa a privação que ele impõe. Que tal marcar logo uma data e correr o risco” (linhas 30-32).

Carta 2: “ ... fazer projetos para o futuro é perigoso. O adiamento nos rouba o presente e pode ser prejudicial à vida (...) (linhas 31-32)

Carta 3: “ Beauvoir é uma referência e a experiência dela precisa ser levada a sério” (linha 33).

Carta 4: “ Se você aceitar os fatos, saberá lidar melhor com o colega e com o marido” (linhas 29-30).

Carta 5: “Faça o que for necessário a fim de ir para onde a sua liberdade te levar. Quem gosta de você, saberá te apoiar” (linha 24-26).

Carta 6: “ Do contrário, você estará sendo cúmplice do vício e até poderá ser responsabilizada. O sentimento é perigoso, e, às vezes, malévolo” (linhas 31-33).

Podemos visualizar, nas cartas, as quatro partes dos textos exortativos estudadas por Longacre que serviram de suporte para descrever a organização das *cartas de aconselhamento*. Pudemos perceber que a disposição das quatro partes estudadas por Longacre não aparecem na mesma ordem, pois nas cartas 2 e 3 a motivação está antes do comando e/ou sugestão. Isso nos remete ao aspecto “relativamente estável dos gêneros”. Em adição, percebemos nitidamente os papéis dos interlocutores envolvidos na interação. De um lado, temos um leitor que expõe seu problema e, de outro, a colunista que apresenta possíveis soluções. Dessas narrativas vamos descrever e interpretar as marcas de modalização no discurso das autoras que discorrem acerca de tradição, sexo e traição e de conflitos familiares. Para tal análise, (re) nomeamos os grupos classificados na tabela 4. Com vistas a tal análise, abordaremos, no nível lingüístico e semântico, essas unidades que funcionam como índices de subjetividade, na linguagem, estudadas e teorizadas por Kerbrat-Orecchioni (1980), como visto anteriormente na fundamentação teórica.

3.2 ANÁLISE DOS ÍNDICES DE MODALIZAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Grupo A

O primeiro grupo compreende duas cartas intituladas *Cair na real* e *Ora o futuro*, as duas cartas classificadas no bloco denominado tradição. A primeira delas foi publicada no dia 19 de fevereiro de 2008 e a segunda em 15 de abril de 2008.

Carta 1: *Cair na real*

Texto da leitora

A autora da carta *Cair na real* introduz seu discurso com palavras de apreciação à coluna escrita por Betty Milan “não conhecia sua coluna e logo de cara adorei” (linhas 1-2) e também aponta o motivo que a levou a escrever para a coluna “me animei a enviar este e-mail, pedindo sua opinião sobre uma situação que me aflige muito” (linhas 2-3). Percebemos que a autora da carta sente-se aflita com o

que está vivendo, pois o verbo “afligir” juntamente com o advérbio ‘muito’, que expressa intensidade e com o contexto do enunciado expressa tal sentimento.

Depois, relata “com 30 anos passei num concurso público, me apaixonei pelo trabalho e me esqueci da vida” (linhas 5-6). Neste enunciado, temos novamente a presença de um verbo de sentimento “apaixonar” que, numa interpretação semântica, indica-nos a avaliação positiva dessa profissional. A situação que a aflige é apresentada quando diz “conheci pela Internet um rapaz por quem estou perdidamente apaixonada. O problema é que ele tem 23 anos e pensa que eu tenho 33” (linhas 6-8). Nesse fragmento, na expressão “estou perdidamente apaixonada”, o verbo “apaixonar” nos indica semanticamente uma afirmação em relação ao sentimento, sinalizando uma disposição favorável ao que é dito. Ela não tem dúvidas em relação ao amor que sente e a presença do advérbio intensifica a paixão.

A seguir, afirma que já adiou o encontro porque tem medo de que ele não sinta por ela o amor que ela tem por ele. Isso podemos verificar nos excertos “já adiei mil vezes o encontro de medo dele não sentir por mim o que eu sinto por ele” (linhas 8-9). Acrescenta “não quero sofrer. Tenho idade para ser mãe dele e quando me lembro disso fico desesperada”(linhas 9-10). Nesses fragmentos, observamos que há verbos que sinalizam os sentimentos desfavoráveis que a atormentam, tais como “afligir”, a expressão “não quero” cujo advérbio de negação “não” muda o sentido do verbo querer que, geralmente, sinaliza um sentimento positivo e “fico desesperada” indica um sentimento desfavorável a sua tranquilidade. Temos, nesta carta, uma mulher que vive um sentimento ambíguo: está apaixonada, mas tem medo de viver esse amor.

A dicotomia felicidade (certeza)/infelicidade(incerteza), gerada pela pressão externa, perpassa no seu discurso como podemos verificar pela presença de verbos que pertencem ao eixo do verdadeiro/falso/incerto no final da sua carta. A leitora termina sua carta perguntando: “Acha que devo tentar viver essa paixão ou cair na real?” (linhas 10-11). Para ela, cair na real significa: sou mais velha que ele, portanto não posso viver essa paixão.

Texto da colunista

A colunista confirma a imagem de uma mulher preocupada com a opinião alheia “A questão da idade não é preocupante. Que diferença faz para um homem de 23 anos amar uma mulher de 33 ou de 42? Nenhuma. Quem se importa com a

diferença de idade é você, que quer ser como as suas amigas e se casar. Como se o casamento acontecesse quando e por que a gente quer. E como se um de nós fosse igual a algum outro.” (linhas 18-21) Acrescenta que talvez a leitora tenha medo de viver essa paixão, como podemos observar no fragmento “Você está as voltas com o maravilhoso e tem medo de se desencantar” (linha 27).

No seu discurso, a colunista dita alguns comandos a fim de exortar a leitora a mudar de atitude: “Acho que você deve cair na real vivendo essa paixão” (linha 12) e “Pena seria você não ousar o prazer da carícia. O virtual tem limites”(linhas 30-31), ou seja, vá ao encontro do seu amado.

Percebemos que os estereótipos de que homens devem ser mais velhos que as mulheres ainda incomodam os sujeitos modernos que temem viver suas paixões e buscar a felicidade amorosa em condições diferenciadas porque ainda estão enraizados nos valores tradicionais cristalizados socialmente.

Carta 2: *Ora o futuro*

Texto da leitora

A autora da segunda carta *Ora o futuro* inicia identificando-se pela idade e apresenta a situação em que vive: “Tenho 26 anos e conheci um homem incrível na internet. Acabamos numa relação de amigos-amantes” (linhas 1-2). A seguir, ela acrescenta “nos finais de semana, “brincamos de casinha” com direito à rotina de casamento, mas não temos coragem de expor o nosso envolvimento. Isso porque ele é 16 anos mais velho e 10 centímetros mais baixo” (linhas 2-4).

Nesse fragmento, a leitora apresenta o seu problema: as diferenças de idade e de altura. Na carta, perpassam esses dois fatores como pontos conflitantes para a mulher. Afirmamos isso porque, pelo conhecimento que temos, os padrões sociais ditam que em um casal, geralmente os homens devem ser mais altos e mais velhos que as mulheres. As expressões “brincamos de casinha” e “amigos amantes”, numa interpretação semântica, podem adquirir outro sentido, a de que o relacionamento talvez não seja “sério” já que os amigos “brincam” (divertem-se) de “casinha” e essa brincadeira não ultrapassa as paredes da casa.

Ela desafiava “ele teme o preconceito dos meus familiares. Teme ainda não ter disposição para me acompanhar nos meus melhores anos” (linhas 12-13). Com essa afirmação, podemos formar uma imagem de uma mulher que provavelmente

busca seguir o instituído. Acrescenta que “tenho medo de não agüentar as pressões externas” (linha 13-14). Entende-se, a partir da presença do verbo “temer” e da expressão “ter medo” que o casal tem um sentimento negativo quanto à futura e provável aprovação da família e da sociedade.

A idade do namorado também a aflige e pelo conhecimento que temos, podemos afirmar que, de uma forma ou de outra, se tornou natural o relacionamento entre mulheres jovens e homens maduros, porém a leitora ainda se preocupa com a diferença de idade entre ela e o namorado. Isso pode ser confirmado nos fragmentos “como ele é bem mais velho, me pergunto o que o futuro nos reserva quando as diferenças forem ainda maiores?” (linhas 14-15).

Com os excertos “fico fascinada com as histórias que ele me conta sobre viagens” (linha 8) e “apesar de ser mecânico ele tem uma sede invejável de cultura” (linhas 9-10), ela constrói uma imagem de quem valoriza o conhecimento e aprecia no namorado a sua curiosidade cultural.

A imagem da autora se constrói tanto pelo que diz sobre si quanto pelo que conta sobre o outro. Auxiliam na construção da imagem dessa mulher a presença de alguns adjetivos, tais como “incrível”, “fascinada”, “invejável” e também os verbos que indicam sentimento como “tenho medo”, “agüentar”. Os verbos de sentimento, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1980), são afetivos e axiológicos e expressam uma disposição favorável ou desfavorável do enunciador frente ao seu objeto. Nessa carta, esses índices mostram uma mulher agoniada porque está dividida entre a paixão e os valores socialmente instituídos.

Texto da colunista

No discurso da colunista, podemos perceber que ela desvela a imagem dessa mulher e torna claro que se trata de alguém que não busca transparecer o que sente, mas o que a sociedade impõe como correto. O excerto seguinte confirma isso: “Quem ama (...) não quer saber da diferença de idade e de altura, e nem precisa resistir às pressões externas simplesmente porque não dá ouvidos a elas. Será que você ama o homem incrível que você conheceu?” (linhas 19-22)

A colunista/especialista chama a atenção dessa mulher e argumenta “fazer projetos para o futuro é perigoso. O adiamento nos rouba o presente e pode ser prejudicial à vida” (linhas 31-32). Finaliza o seu discurso exortando a leitora e

buscando influenciá-la a mudar de atitude “o melhor é apostar e acertar no presente”(33-24), ou seja, viva o agora sem pensar nos possíveis problemas.

Apoiadas no repertório lingüístico, essas mulheres não escolheram aleatoriamente tais palavras que formam seu discurso, mas aquelas que expressam seu juízo avaliativo em relação à situação conflituosa que estão vivendo.

Grupo B

O grupo B compreende duas cartas que versam sobre casamento e traição. A primeira intitulada *Triângulo amoroso* foi publicada no dia 25 de julho de 2007 e a carta *Seramente apaixonada*, em 27 de agosto de 2007. Essas cartas versam sobre traição e sexualidade e nelas duas mulheres narram brevemente suas histórias e pedem conselhos sobre a condição de traírem ou não os seus maridos.

Carta 3: *Triângulo amoroso*

Texto da leitora

A autora da carta 3 inicia o seu discurso afirmando que a sua história de vida é longa. Como nas cartas anteriores, ela se identifica pela idade e estado civil “Tenho 35 anos, sou casada e mãe de duas filhas” (linha 1). Introduce o seu problema, ao expressar seu sentimento pelo marido, e a seguir a experiência que a deixa confusa. Isso é confirmado pelos excertos “Amo o meu marido, sou feliz com ele e não quero me separar” (linhas 2-3).

“Amar” e “querer” estão classificados como verbos de sentimento e no fragmento constata-se uma situação positiva enquanto que a expressão “não quero”, nesta carta, não expressa semanticamente, como vimos na carta anterior, um sentimento negativo, mas sim auxilia na construção de uma imagem positiva. Até esse momento, de acordo com seu discurso, ela não tem dúvidas do amor que sente pelo seu marido.

Esse sentimento, por outro lado, é abalado quando a leitora encontra um amor de infância, como podemos confirmar com a sua interrogação: “Será possível ter o mesmo sentimento por duas pessoas?” (linha 5)

Logo após a sua interrogação, ela justifica seu sentimento ao argumentar o que gosta no seu marido e no seu amante. Percebemos que utiliza novamente

verbos relacionados a sentimentos favoráveis como “amar” combinados com adjetivos positivos. O marido é bonito, inteligente e tem um “ótimo coração”; o amante tem boas idéias, uma voz e um “jeito de namorar” que ela gosta.

No final da carta, relata que sofre muito, que se sente egoísta por manter o triângulo. Esse sentimento está verbalizado com marcas lingüísticas que pertencem ao campo negativo, de dor, de confusão. O verbo “sofrer”, no fragmento “sofro muito, pois sei que estou sendo egoísta” (linha 8), indica o sentimento que a acompanha e, ao afirmar “não consigo abrir mão de nenhum dos dois” (linhas 8-9), confirma a sua situação atual: a de viver com o marido e o amante concomitantemente.

Percebemos que a imagem que essa mulher vai construindo no seu discurso é de alguém que deseja continuar o casamento, porque supostamente é feliz com ele, mas não quer abrir mão do amante, situação que a deixa aflita. Ela tem a intenção de passar uma imagem de vítima do amor, que não tem forças para se liberar da paixão e julga-se egoísta por amar dois homens. Os verbos de opinião e de sentimento que usa no seu discurso, juntamente com os advérbios de negação “não” ajudam na construção de sua imagem.

Texto da colunista

A colunista, com o seguinte excerto, confirma a imagem da leitora de uma mulher confusa, principalmente pelo uso dos verbos “culpar”, “devia aprender a se equilibrar”, como podemos identificar no seguinte fragmento: “Em vez de se culpar, você, que ama dois homens e não tem como se separar de nenhum, devia aprender a se equilibrar no triângulo e ficar bem com esta situação” (linhas 34-35)

Nesse fragmento, podemos observar a exortação feita pela colunista, objetivando que a leitora confusa mude de atitude a fim de viver o triângulo amoroso sem culpas.

Carta 4: *Serriamente apaixonada*

Texto da leitora

Seguindo o mesmo assunto da carta 3, a autora da carta 4 também vive um triângulo amoroso. Na segunda oração, caracteriza seu casamento: “Um casamento sólido e gostoso” (linha 1). Com o uso de adjetivos, como “bonita”, “atraente”, conseqüentemente, é “assediada pelos homens” se auto-elogia. Essa seleção de

características relacionada com o físico auxilia na formação da imagem de uma mulher supostamente vaidosa e que parece se julgar bonita. Essa imagem também confirma o estereótipo de mulher construído pelo mercado e reforçado pela mídia.

Segue seu discurso afirmando que “Até hoje resisti a todos, mas agora estou completamente apaixonada...” (linha 2-3). Nesse excerto, podemos perceber que a autora quer passar uma imagem de que, antes dessa paixão paralela, era uma mulher que chamava a atenção dos olhares masculinos e provavelmente tenha passado por situações que a levariam à traição. O uso dos advérbios temporais “até”, “hoje” e “agora” sinalizam uma mudança na situação de estabilidade conjugal apresentada no início do seu discurso.

Além disso, vai criando uma imagem de si a partir do que refere sobre o seu “amante”: “Casado como eu e muito sério, nunca traiu” (linha 4), podemos entender que tanto ele como ela são pessoas sérias em relação a relacionamentos.

Logo, ela continua e afirma: “Por um lado, tenho pavor de perder a segurança; por outro, acho um desperdício deixar passar um sentimento como este” (linhas 7-8).

O substantivo “pavor”, no nível formal, indica uma carga negativa de grande medo, porém numa interpretação semântica, considerando o enunciado em que foi usado, esse valor negativo também sinaliza uma disposição favorável em relação à segurança que proporciona o seu casamento. Por outro lado, tal atitude sofre uma ruptura quando introduz um verbo de opinião “achar”, pois a leitora considera uma perda não viver esse amor e essa relação extraconjugal.

Texto da colunista

A colunista confirma essa imagem de uma mulher intranquilha e que se permitiu viver uma relação paralela: “...a paz você já perdeu. Vive enlouquecida pelo desejo que o colega desperta” (linhas 20-21).

Semelhante à carta anterior, a colunista busca convencer a leitora a viver com os dois homens, como podemos observar no fragmento “O que resta se não “consumar a paixão” e depois ver como fica?” (linhas 21-22) “Se você aceitar os fatos, saberá lidar melhor com o colega e com o marido” (linhas 29-30).

Podemos observar, nessas duas cartas, que a imagem de si construída pelo locutor revela certa identidade a partir das marcas de subjetividade. Desse modo, as duas leitoras estão assombradas pela dúvida pois, de acordo com seus relatos,

vivem um casamento estável e não querem abrir mão de tal situação para viverem somente com o “seu amante”.

Grupo C

O grupo C centra-se em outro tema também freqüente nas cartas publicadas: conflitos familiares. A carta *Contrato de mãe* foi publicada no dia 23 de maio de 2007 e a carta *Atoleiro* em 03 de setembro de 2007.

Carta 5: *Contrato de mãe*

Texto da leitora

A autora da carta 5 apresenta-se pelos anos de casamento “Estou casada há mais de 40 anos” (linha 1) e, nesse momento, já expõe a sua inquietação “não me lembro se, em algum momento, eu me senti identificada com o meu casamento. Tive quatro filhos, mas sempre sonhei com os meus dias de liberdade”(linhas 1-3). Percebe-se que a autora dessa carta vive em conflito com o seu papel de esposa-mãe.

Apesar de ter constituído família, o que poderia ser uma alegria, quando enuncia “sempre sonhei com meus dias de liberdade”(linha 3) , fica pressuposto que ela nunca foi feliz vivendo como esposa e mãe. Acrescenta que “Não quero aturar as suas neuras” (a dos filhos)(linhas 4-5). Perpassa no seu discurso um descontentamento com os filhos e com o marido já que ele “não aceita” a sua posição.

Observamos que a presença dos advérbios e expressões “se algum momento”, “sempre sonhei” sinalizam a sua decepção e a sua esperança de mudança em relação à condição que ocupa. Os verbos “não me lembro”, “não quero” mostram os seus sentimentos.

A autora termina a carta perguntando “Tenho ou não o direito de ir para onde a minha liberdade me levar?” (linha 8) Fica explícito que a autora tenta formar uma imagem de uma mulher que se sente aprisionada ao casamento, aos filhos, e almeja pelos dias de liberdade.

Texto da colunista

A colunista avalia a autora como um sujeito que deve lutar pela sua liberdade, já que está presa ao lar e infeliz nessa situação. Desse modo, exorta a leitora a mudar de atitude, como podemos verificar nos seguintes enunciados:

“Você será terrível consigo mesma se não for avara em relação ao seu tempo. Faça o que for necessário a fim de ir para onde a sua liberdade te levar” (linhas 24-26).

Carta 6: *Atoleiro*

Texto da leitora

Nesta carta, a autora identifica-se pela idade e pela formação acadêmica. Em seguida apresenta o seu problema “O que vivo é uma tortura” (linha 1), o qual já aponta a sua situação e relata o porquê de viver assim: “meu marido foi se tornando cada vez mais assustador. Começou a beber com frequência(...) passou a consumir cocaína”(linhas 2-3). A grande mágoa em que vive a deixa muito infeliz. A leitora forma, no seu discurso, a imagem de uma mulher aflita e talvez envergonhada pela situação em que vive, pois relata que não contou para o psiquiatra o que se passa no seu lar.

Esse sentimento aumenta quando afirma que, “apesar de toda a infelicidade, não consigo me separar em definitivo” (linhas 6). Ela já tentou se separar, o que podemos confirmar com a expressão “não consigo”, porém há algo que a prende ao casamento, ao marido: ele “jurou que nunca mais se drogaria” (linha 7) e diante dessa condição, ela permanece submissa a ele.

Por fim, pergunta “Como me livrar desse casamento que só tem feito mal a mim e à minha filha? Como ir embora sem me sentir culpada?” (linha 8-10) A leitora constrói, no seu discurso, a imagem de uma mulher sentimentalista, sofredora, esposa-mãe que está num verdadeiro “atoleiro”, porém, mesmo sabendo qual atitude deve tomar, não quer se sentir culpada por abandonar seu marido.

Texto da colunista

A colunista caracteriza a leitora como masoquista, “sua posição é masoquista” (linha 14) e cita Giroud, que refere: “O masoquismo feminino é um traço adquirido, resultado de uma longa educação, em particular da educação cristã, que ensinou as mulheres a serem resignadas, a aceitar tudo” (linhas 17-18).

A essa imagem de mulher masoquista, a especialista argumenta “Enquanto você não sair da posição subjetiva atual, não terá como se separar do seu marido” (linha 21).

Por fim, a colunista exorta a leitora a mudar de atitude em relação ao seu marido: “o seu marido não precisa da sua eterna complacência e sim de tratamento. Que tal dizer isso a ele na próxima crise de choro? Ou antes disso” (linhas 30-31).

A nossa análise nos permitiu observar que, nas cartas, temos histórias diferentes: as mulheres que traem seus maridos, as que não querem assumir a diferença de idade e aquelas divididas entre o papel de esposa-mãe.

Diante das diferentes histórias, há semelhanças entre elas: todas as mulheres são movidas pela dúvida, pelo medo, o que as leva a contar suas experiências em troca de um conselho que solucione os seus problemas. Problemas esses comuns para muitas mulheres, porque quem nunca ouviu uma história semelhante a essas nas rodas de conversa, na casa da vizinha, ou mesmo de uma amiga íntima?

Tornadas públicas essas experiências, podemos afirmar que a mídia projeta tanto mudanças quanto a permanência de comportamentos cristalizados que sinalizam para uma determinada imagem feminina.

Com base nos dados das *cartas* (re)elaboramos um quadro comparativo, ancoradas na pesquisa de Ghilardi-Lucena (2002), que pode ser visto abaixo.

TRADIÇÃO	MODERNIDADE
Dependência	
Submissão	Liberdade
Fragilidade	Força psicológica
Aceitação	Decisão
	(In) fidelidade
Dedicada ao lar	Dedicação a si própria
	Sensualidade exposta
	Auto-estima
Ser “igual”	Ser “diferente”

Quadro 9: quadro comparativo das mudanças e permanências da imagem feminina

Constatamos, no recorte analisado, a permanência da imagem da dependência, da submissão, da fragilidade, da aceitação, da dedicação ao lar e da necessidade de “ser igual”. A mudança está na imagem da mulher que quer liberdade, da que tem força psicológica, da decisiva, da infiel, da mulher que se

dedica a si própria, daquela que expõe a sua sensualidade e da mulher que busca ser “diferente”.

As seis cartas analisadas constroem a mesma cena englobante, uma vez que todas correspondem ao mesmo tipo de discurso, bem como a mesma cena genérica. Também podemos constatar que as cartas seguem uma mesma estrutura discursiva, cujo modo de organização se apresenta em forma de narrativa (pergunta) e de texto exortativo (resposta).

Os índices de modalização utilizados pelas autoras das cartas, tais como os verbos apaixonar, querer, sofrer, achar, dever, ter, amar, culpar, conseguir, temer, lembrar os advérbios não, pedidamente, completamente; os adjetivos desesperada, fascinada, incrível, invejável, bonita, atraente, culpada, masoquista; os substantivos pavor, liberdade, tortura, para citar alguns, parecem funcionar como usos lingüísticos que interferem na construção da imagem de si (ethos).

Os verbos mais freqüentes que encontramos nesse recorte foram os verbos de sentimento o que talvez justifique as dúvidas sentimentais, as crises identitárias porque estão passando essas leitoras. Isso as leva a expor publicamente um problema porque esperam, provavelmente, justificativa e/ou solução para a atitude que querem tomar, com o consentimento de uma profissional. Elas procuram uma “amiga” que concorde com elas e a colunista é a profissional e amiga que as aconselha.

Desse modo, a crise de identidade perpassa todas as idades (as mulheres das cartas selecionadas tem de 23 anos de idade até 40 anos de casamento) e elas precisam firmar a sua imagem, baseadas na opinião dos outros, ou seja, como os outros as vêem. De certo modo, enxergam-se com os olhos dos outros.

Verificamos que há mudanças na construção da imagem dessas mulheres, mas elas não aparecem claramente nos discursos das leitoras como se essas estivessem inseguras diante das novas situações que estão vivendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois objetivos nortearam este trabalho cujo objetivo central foi verificar no gênero discursivo *carta de aconselhamento* como os índices de modalização auxiliam na construção da imagem de si. O primeiro caracterizou-se por buscar analisar que imagens as autoras das cartas constroem nos discursos que produzem.

O segundo objetivo, decorrente desse primeiro, foi observar se essas imagens e esses discursos veiculados pela mídia rompem com o papel social tradicional da imagem feminina ou propagam-no.

Como expusemos anteriormente, este trabalho se justifica tanto pela presença do gênero discursivo *cartas de aconselhamento* em uma revista nacional de informação quanto pelo fato de esse gênero discursivo ser publicado no ambiente virtual/eletrônico (*Veja.com*).

Para atingir esses objetivos, buscamos suporte teórico e metodológico nos estudos da Enunciação de Bakhtin (1986, 1992, 1997, 2003) e de Kerbrat-Orecchioni (1980). Para discorrer sobre o ethos, tomamos como base Amossy (2005) e Maingueneau (2001, 2005, 2008) e nos apoiamos nos estudos sobre gênero e mídia discutidos por Ghilardi-Lucena (2002, 2008), Pires (2000, 2001, 2008) e Scott (1995), respectivamente.

O primeiro Capítulo deste trabalho está dividido em quatro seções. Na primeira seção do Capítulo 1, discorreremos sobre concepção de linguagem apresentada por Bakhtin, gêneros discursivos e seus constituintes e sobre autoria. Os estudos referentes ao gênero discursivo foram de grande importância para o nosso trabalho porque nos permitiram analisar as *cartas de aconselhamento* na perspectiva do tema, do estilo, da composição e da autoria. Além disso, também se observou a questão do enunciado e as suas particularidades.

Com os estudos sobre ethos, pudemos compreender de que forma a imagem de si é construída discursivamente pelas autoras das cartas. Nessa pesquisa, constatamos que os índices de modalização, entendidos como lugar de inscrição do sujeito nos enunciados, são fundamentais para a construção do ethos.

Já os estudos sobre a história das mulheres nos auxiliaram para entender os seus papéis sociais na história e como eles eram e são veiculados pela mídia.

Na seção referente ao estudo de gênero, tivemos o objetivo de discorrer, de maneira breve, sobre o percurso dos estudos feministas até o conceito adotado por Scott: gênero como categoria analítica.

A seção mídia e construção social de gênero contribuiu para observarmos no nosso *corpus* os efeitos de sentido que os discursos midiáticos produzem na vida social. Desse modo, o espaço midiático reflete as mudanças sociais e as mudanças nas relações sociais de gênero em que imagens de mulheres e homens são construídas discursivamente nos gêneros da mídia, que ora apontam papéis conservadores, ora papéis que rompem com o tradicional.

Os estudos de Ghilardi-Lucena acerca das principais mudanças da imagem feminina na mídia nos ajudaram na análise do discurso das leitoras. Essas mudanças indicam que novas relações de gênero, novas identidades estão se construindo e novas imagens de si são construídas discursivamente na mídia.

Com a transposição das matérias da revista *Veja* para a revista *Veja.com*, concluímos que a revista buscou-se maior aproximação com o público leitor além de abrir espaço à publicação de novas seções e colunas. Um exemplo disso é a publicação da coluna *Consultório Sentimental* na revista eletrônica, uma vez que constatamos nela uma ruptura em relação aos assuntos, geralmente de informação, tratados por *Veja*. Isso indica que tal *Veja.com* revista também está sensibilizada com os aspectos emocionais de suas leitoras e seus leitores.

No capítulo da metodologia, foram apresentadas as quatro etapas que se desenvolveram na seleção dos recortes analisados e na análise dos dados.

Por meio da análise, constatamos que as leitoras que escrevem pedindo conselhos esperam uma justificativa para o que querem ou para o que estão fazendo. Elas querem tomar certas atitudes cientes do consentimento de um profissional, visto como um amigo que pode vir a concordar com elas. De certa forma, são submissas à opinião alheia.

Assim, duas leitoras estão preocupadas com a diferença de idade entre elas e o parceiro; outras querem viver relações extraconjugais; outra, não abandona o marido violento e, por fim, uma mãe deseja viver livremente longe do marido e dos filhos. São mulheres que estão em crise.

A revista está disposta a ajudá-las e é sensível à situação porque elas passam. Essas leitoras precisam de quem lhes dê apoio imparcial, que se sensibilize

com a situação/problema que estão vivendo. É como se a revista fosse solidária com o problema que elas vivenciam/enfrentam.

Desse modo, constata-se que as leitoras estão procurando uma opinião de quem não pertence ao círculo íntimo delas e que a revista está disposta a ouvi-las e apresentar-lhes soluções rápidas para os seus dilemas.

A nossa pesquisa não pretende ditar como única a análise realizada, pois temos a convicção de que diferentes possibilidades de análise podem obter diferentes resultados.

Na teoria, a limitação central que tivemos foi em relação aos estudos de Kerbrat-Orecchioni, pois encontramos poucos trabalhos realizados que abordassem o estudo dos índices de modalização.

Por fim, esperamos que este trabalho, de alguma forma, possa contribuir para os estudiosos da linguagem, que atuam no ensino superior, médio e fundamental, os quais se preocupam com questões de mídia, gênero, gênero discursivo, ethos e enunciação e discutem-nas na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, F. A autoria institucional nos editoriais de jornais. **Alfa**: revista da Lingüística, São Paulo, nº 50 (1), 2006.p. 77-89.

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso-a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1997.

_____, (VOLVOCHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BOAS, S.V. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.

BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, MARY (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

CAMARGO- GRILLO, S. V de. **A noção de “tema do gênero” na obra do Círculo de Bakhtin**. Revista Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1825-1834. São Paulo, 2006.

CALDAS- COULTHARD, C. R. O picante sabor do proibido: narrativas pessoais e transgressões. In: FUNCK, S. B.; WIDHOLZER, N. R. (orgs). **Gênero em discurso da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M.N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R.(orgs.) **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLORES, V.N. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, v.36, nº4, p.7-67, dezembro 2001.

GHILARDI-LUCENA, M. I. ; BARZOTTO, H. V. **Nas telas da mídia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

GHILARDI-LUCENA, M.I; OLIVEIRA, F. **Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation**: de la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin Éditeur, 1980.

LOURO, L. G.; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V. S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Análise dos textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: RUTH AMOSSY (org.). **Imagens de si no discurso: a construção da imagem do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA RAQUEL, ANA, SALGADO, LUCIANA. **Ethos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCELLO, F. de A. Dispositivo da maternidade: a fecundidade dos saberes na mídia contemporânea. In: FUNCK, S. B.; WIDHOLZER, N. R. (org.). **Gênero em discurso da mídia**. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2005.

MOITA LOPES, L. P.(org.). **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MUSSALIM, F. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre ethos e estilo. In: In: MOTTA RAQUEL, ANA, SALGADO, LUCIANA. **Ethos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, R. D.**O elogio da diferença: o feminino emergente**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEREIRA, J.S.V.; ALMEIDA, M.B. "Sabe tudo sobre tudo": análise da seção de cartas-pergunta em revistas femininas para adolescentes. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PIRES, V. L. **Discurso e relações de gênero**: sob o signo da contradição, o rompimento com o senso comum e a instauração do sentido-outro. Tese (Doutorado em Lingüística)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L, BONINI, A., MOTTA-ROTH, D.(orgs)**Gêneros, teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editora, 2005.

SABADINI, C.D. **Veja impressa e on-line em perspectiva dialógica**: dois universos, dois leitores? Estudos Lingüísticos nº XXXIV, p-p 1390-1395, 2005. Disponível em <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005>.

SALGADO, L. Um ethos para Hércules: produção dos sentidos e tratamento editorial de textos. In: MOTTA RAQUEL, ANA, SALGADO, LUCIANA. **Ethos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: EDUFRGS, v.20, n.2, jul/dez 1995. p.71-99.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2006.

www.publiabril.com.br acesso dia 15 de junho de 2008.

www.veja.com.br/bettymilan

ANEXOS

CARTAS DO GRUPO A

CAIR NA REAL – Terça-feira, 19 de fevereiro de 2008.

ORA, O FUTURO- Terça-feira, 15 de abril de 2008.

1 ***Por incrível que pareça ainda não conhecia sua coluna e logo de cara adorei. Li as***
2 ***respostas e me animei a enviar este email, pedindo sua opinião sobre uma situação***
3 ***que me aflige muito. Tenho 42 anos, mas não parece, pois sou mignon e tenho um***
4 ***jeito de falar e de ser meio infantil. Minhas amigas já estão quase todas casadas. Uma***
5 ***única amiga e eu somos solteiras. Com 30 anos passei num concurso público, me***
6 ***apaixonei pelo trabalho e me esqueci da vida. Mas há dois anos e meio conheci pela***
7 ***internet um rapaz por quem estou perdidamente apaixonada. O problema é que ele***
8 ***tem 23 anos e pensa que eu tenho 33, porque menti sobre a idade. Já adiei mil vezes o***
9 ***encontro, de medo dele não sentir por mim o que eu sinto por ele. Não quero sofrer.***
10 ***Tenho idade para ser mãe dele e quando me lembro disso fico desesperada. Acha que***
11 ***devo tentar viver essa paixão ou cair na real? Me ajude, me dê uma luz.***

12 Acho que você deve cair na real vivendo a paixão. Não pense que estou brincando. De que
13 adianta evitar uma paixão pela qual a gente está tomado? Melhor vivê-la. Se o sujeito não
14 vive, sofre. Se vive, pode sofrer, mas também pode se dar bem e ficar feliz. Talvez não seja
15 o caso de se casar com um rapaz de 23 anos, porém o que te impede de encontrá-lo e viver
16 o que for possível hoje? Queira ou não, ele é o homem da sua vida, ele que te faz sonhar,
17 pisar nas nuvens e o que você mais quer é isso.

18 A questão da idade não é preocupante. Que diferença faz para um homem de 23 anos amar
19 uma mulher de 33 ou de 42? Nenhuma. Quem se importa com a diferença de idade é você,
20 que quer ser como as suas amigas e se casar. Como se o casamento acontecesse quando
21 e por que a gente quer. E como se um de nós fosse igual a algum outro.

22 Só o que é comum a todos é a paixão do amor, que nos torna menos mortais e pode
23 justificar a existência. O amor é sempre moderno, nós é que não somos. Escrevi isso
24 pensando num verso de Claudio Willer: "É preciso que sejamos modernos como o amor".
25 Um verso que o poeta explica dizendo que esta modernidade tanto significa ser capaz de
26 mudar quanto deixar o maravilhoso acontecer.

27 Você está às voltas com o maravilhoso e tem medo de se desencantar. Vai continuar
28 vivendo o amor só no imaginário? Vai continuar se privando do rosto do amado, do olhar e
29 da voz? Das mãos e de tudo que o sexo propicia? A luz que emana do encontro dos corpos
30 é única. Não é preciso ser poeta para saber disso. Pena seria você não ousar o prazer da
31 carícia. O virtual tem limites. A garantia que ele dá não compensa a privação que ele impõe.
32 Que tal marcar logo uma data e correr o risco?

1 ***Tenho 26 anos e conheci um homem incrível na internet. Acabamos numa relação de***
2 ***amigos-amantes. Nos finais de semana, "brincamos de casinha" com direito à rotina***
3 ***de casamento, mas não temos coragem de expor o nosso envolvimento. Somos um***
4 ***casal nos limites das paredes de casa. Isso porque ele é 16 anos mais velho e 10***
5 ***centímetros mais baixo. Não mede palavras para manifestar o encantamento com a***
6 ***minha maneira pouco burocrática de resolver os problemas, com a falta de tecido dos***
7 ***meus vestidos e as minhas soluções mirabolantes para contornar as "crises" em que***
8 ***mergulha por conta das nossas diferenças. Fico fascinada com as histórias que ele***
9 ***me conta sobre viagens, com o carinho e o respeito. Apesar de ser mecânico, ele tem***
10 ***uma sede invejável de cultura. Nós dois somos separados e os nossos***
11 ***relacionamentos terminaram de maneira trágica. Por não ter como me oferecer***
12 ***conforto material, ele teme o preconceito dos meus familiares. Teme ainda não ter***
13 ***disposição para me acompanhar nos meus melhores anos. Eu, por outro lado, tenho***
14 ***medo de não agüentar as pressões externas, e, como ele é bem mais velho, me***
15 ***pergunto o que o futuro nos reserva quando as diferenças forem ainda maiores?***

16 Lendo o que você me escreveu, me lembrei de uma música antiga de Roberto Carlos. Uma
17 música que ele renegou e deixou de cantar: *"Só quero que você me aqueça neste inverno /E*
18 *que tudo mais vá pro inferno"*.

19 Quem ama não abre mão do amado por nada. Quer a chama, a labareda, o incêndio de que
20 ele é a causa. Quer a ilusão da eternidade que o amor propicia. Não quer saber da diferença
21 de idade e de altura, e nem precisa resistir às pressões externas simplesmente porque não
22 dá ouvidos a elas. Será que você ama o homem incrível que você conheceu ?

23 Chamo a sua atenção para a expressão *amigo-amante*, que torna a palavra *amizade* vazia,
24 quando ela é plena. A relação entre os amigos pode e deve ser amorosa, mas entre eles
25 não há sexo. Os amigos não transam, não são amantes. A relação é de outra natureza.
26 Jamais passaria pela cabeça de um amigo, por exemplo, que ele não pode ser amigo do
27 outro porque este é 16 anos mais velho e tem 10 centímetros a menos. Por outro lado, o
28 amor dos amigos nunca é de agora, ele é para sempre. O tempo que conta não é o do
29 relógio e sim o da vida, que os amigos ganham quando estão juntos. O amigo quer o outro
30 porque este o ilumina, indica o caminho.

31 Por fim, fazer projetos para o futuro é perigoso. O adiamento nos rouba o presente e pode
32 ser prejudicial à vida. Como diz sabiamente o adágio popular, o futuro a ninguém pertence,
33 e assim nenhum de nós sabe quanto tempo vai viver. O melhor é apostar e acertar no
34 presente.

CARTAS DO GRUPO B

TRIÂNGULO AMOROSO –Quarta-feira, 25 de julho de 2007.

SERIAMENTE APAIXONADA- Segunda-feira, 27 de agosto de 2007.

1 ***Não sei como resumir a minha história, que daria um livro. Vou tentar ser o mais***
2 ***objetiva possível. Tenho 35 anos, sou casada e mãe de duas filhas. Amo meu marido,***
3 ***sou feliz com ele e não quero me separar. Só que reencontrei um amor de infância e***
4 ***nós acabamos na cama. Me perguntei se era só sexo que eu queria, mas percebi que***
5 ***não. Será possível ter o mesmo sentimento por duas pessoas diferentes? Amo tudo***
6 ***no meu marido que, além de bonito, tem uma inteligência acima da média e um ótimo***
7 ***coração. Também amo tudo no meu amante, suas idéias, a voz, o jeito de me namorar.***
8 ***Sofro muito, pois sei que estou sendo egoísta, mas não consigo abrir mão de nenhum***
9 ***dos dois.***

10
11 Você pergunta se é possível amar dois homens ao mesmo tempo. Simone de Beauvoir diria
12 que sim. Acrescentaria que é aberrante alguém esperar de uma única pessoa a satisfação
13 de todos os seus desejos ao longo da vida inteira.

14 Beauvoir foi, na teoria e na prática, uma precursora. Escreveu O Segundo Sexo, cuja
15 contribuição para o feminismo é inestimável. Neste livro, de mais de 1.000 páginas, reconta
16 a história das mulheres e mostra que a alienação delas é de ordem cultural. " Não é a
17 inferioridade das mulheres que determina a sua insignificância histórica, é a insignificância
18 histórica delas que as condena à inferioridade." Quando editado nos Estados Unidos, O
19 Segundo Sexo vendeu um milhão de exemplares. Foi a partir dele que as feministas Betty
20 Friedan e Kate Millett, elaboraram a sua obra escrita.

21 Além de ter sido uma precursora no campo das idéias, a escritora francesa teve a audácia
22 de viver publicamente o amor por dois homens, Sartre e Algren. De Sartre, ela foi
23 inseparável durante meio século. Os dois evoluíram solidariamente. Há um diálogo contínuo
24 entre os textos de um e de outro, entre suas vidas. Quem leu, não se esquece das últimas
25 linhas de A Cerimônia do Adeus, escrito quando Sartre morreu. " Sua morte nos separa.
26 Minha morte não nos reunirá. Assim é. Já é ótimo nós dois termos nos acordado durante
27 tanto tempo."

28 A relação com Sartre não a impediu de viver outra diferente com Nelson Algren, o escritor
29 americano que ela chamava de "meu amigo, meu amante, meu bem amado, meu marido
30 adorador", e com quem manteve uma correspondência amorosa de 1947 a 1964, hoje
31 publicada em livro. Vale a pena ler as cartas por se tratar de uma grande celebração do
32 sentimento amoroso.

33 Beauvoir é uma referência e a experiência dela precisa ser levada a sério. Em vez de se
34 culpar, você, que ama dois homens e não tem como se separar de nenhum, devia aprender
35 a se equilibrar no triângulo e ficar bem com esta solução.

1 ***Sou casada há quase 16 anos. Um casamento sólido e gostoso. Como me casei muito***
2 ***jovem, ainda sou bonita e atraente, assediada pelos homens. Até hoje resisti a todos,***
3 ***mas agora estou completamente apaixonada por um colega de trabalho. O pior é que***
4 ***a paixão é recíproca. Casado como eu e muito sério, ele nunca traiu. Estamos***
5 ***tentando nos conter, só que está cada vez mais difícil. Nós nos vemos todo dia e a***
6 ***vontade de nos tocarmos é enlouquecedora. Vale a pena colocar em risco a minha***
7 ***paz e consumir de vez essa paixão? Por um lado, tenho pavor de perder a segurança;***
8 ***por outro, acho um desperdício deixar passar um sentimento como este. Porque é***
9 ***vida pura, resgatou em mim o brilho e uma alegria que há tempos eu não sentia. O***
10 ***que eu faço? Será possível experimentar essa paixão e continuar vivendo a paz no***
11 ***meu casamento?***

12 A referência à alegria e ao brilho me certifica de que você ama. O amor alegra e faz brilhar.
13 Julieta afirma que Romeu brilha mais do que o céu e diz convictamente: "Noite da testa
14 negra, me dá o meu Romeu. E, quando ele estiver morto, corta-o em estrelinhas. Com ele, a
15 face do céu será tão esplêndida que o universo inteiro deixará de cultuar o sol e se
16 apaixonará por você". Diante do amado, o amante não sabe da sombra. Vê as cores e a luz.
17 Com isso, ele se alegra continuamente. A expressão "amizade colorida" faz sentido, porque
18 o amor faz ver o arco-íris.

19 O futuro do amor, no entanto, é incerto. Por isso Vinicius de Moraes escreveu: "Que seja
20 infinito enquanto dure". Mas o futuro do casamento também é. E, seja como for, a paz você
21 já perdeu. Vive enlouquecida pelo desejo que o colega desperta. O que resta se não
22 "consumar a paixão" e depois ver como fica? Ou seja, ver se vai vivê-la clandestinamente ou
23 abertamente. Se vai continuar casada ou se divorciar. Todas essas possibilidades hoje
24 existem e estão ao alcance de todos.

25 Pela paixão você vai pagar um preço, claro. Só que há circunstâncias na vida em que não é
26 possível evitar a paixão. Se fosse, a tragédia amorosa não existiria. Nem Julieta, nem
27 Romeu, nem Isolda, nem Tristão... E, por outro lado, o sentimento amoroso pode levar ao
28 céu.

29 O que não tem remédio, remediado está. Se você aceitar os fatos, saberá lidar melhor com
30 o colega e com o marido. Sobretudo porque o amor torna inteligente. Inspirou Camões,
31 Dante e os outros que nós continuamos a ler e a cultuar. Quem se esquece do verso
32 camoniano sobre o amor -- "... contentamento descontente" -- ou do verso de Dante -- "...
33 move o sol e as estrelas".

CARTAS DO GRUPO C

CONTRATO DE MÃE – Quarta-feira, 23 de maio de 2007.

ATOLEIRO - Segunda-feira, 03 de setembro de 2007.

1 ***Estou casada há mais de 40 anos e não me lembro se, em algum momento, eu me***
2 ***senti identificada com o meu casamento. Tive quatro filhos, mas sempre sonhei com***
3 ***os meus dias de liberdade. Costumo dizer que mãe deveria ter contrato com tempo de***
4 ***duração. Os meus filhos são adultos, com família constituída. Não quero aturar as***
5 ***suas neuras. Meu marido não aceita a minha posição e isso é motivo de muita***
6 ***discussão entre nós. Dá vontade de pegar o chapéu e dizer até logo. Será que eu sou***
7 ***uma mãe terrível? Cumpri minha obrigação em relação a todos quando eram***
8 ***pequenos. Tenho ou não o direito de ir para onde minha liberdade me levar?***

9 Seu e-mail me surpreendeu. Gostei da frase "mãe deveria ter contrato com tempo de
10 duração". Claro que durante a infância dos filhos, o tempo de atenção da mãe é
11 necessariamente maior. Nesse período, ela até pode adiar os projetos incompatíveis com a
12 dedicação exigida para o desempenho da função materna, de cuja importância ninguém
13 duvida. O futuro da civilização depende dos valores que os pais transmitem.

14 Agora, ser mãe obviamente não tem nada a ver com escutar as neuras dos filhos adultos,
15 que podem consultar um especialista para superar suas dificuldades subjetivas. Você só
16 precisa escutar o suficiente para saber encaminhá-los. Se os seus filhos e os seu marido
17 não sabem poupar o seu tempo, eles é que não estão se comportando como devem.

18 Em *A Brevidade da Vida*, referindo-se à cegueira do espírito humano, Sêneca diz que
19 "Ninguém permite que sua propriedade seja invadida, e, havendo discórdia quanto aos
20 limites, por menor que seja, os homens pegam em pedras e armas. No entanto, permitem
21 que outros invadam suas vidas... Não se encontra ninguém que queira dividir a sua riqueza,
22 mas a vida é distribuída entre muitos! São econômicos na preservação do seu patrimônio,
23 mas desperdiçam o tempo, a única coisa que justificaria a avareza".

24 Você será terrível consigo mesma se não for avara em relação ao seu tempo. Faça o que for
25 necessário a fim de ir para onde a sua liberdade te levar. Quem gosta de você, saberá te
26 apoiar.

1 **Tenho 29 anos, trabalho e sou formada em Letras. O que eu vivo é uma tortura. Ao**
2 **longo dos cinco anos de casamento, meu marido foi se tornando cada vez mais**
3 **assustador. Começou a beber com freqüência. Depois, foi trabalhar no turno da noite**
4 **e passou a consumir cocaína vez ou outra. Agora, faz isso com freqüência,**
5 **principalmente quando bebe. O pior é que nem para o meu psiquiatra eu contei pois,**
6 **apesar de toda a infelicidade, não consigo me separar em definitivo. Sempre que**
7 **tentei, ele se desesperou, teve crises de choro, jurou que nunca mais se drogaria.**
8 **Acabei voltando. Tomo antidepressivo para controlar o mal-estar. Como me livrar**
9 **desse casamento que só tem feito mal a mim e à minha filha? Como ir embora sem**
10 **me sentir culpada?**

11 Você não conta para o psiquiatra. Vai vê-lo para que ele receite o antidepressivo com o qual
12 você controla o mal-estar. Ou seja, vai para manter o status quo. Faz do psiquiatra um uso
13 contrário a você mesma. Isso é mais freqüente do que se imagina.

14 Sua posição é masoquista e me faz pensar numa entrevista dada por Françoise Giroud, que
15 além de jornalista foi secretária da Condição Feminina na França. A entrevista data do
16 lançamento do best seller que ela escreveu com Bernard Henri Levy, em 1996, *Homens e*
17 *Mulheres*. Giroud então disse: "O masoquismo feminino é um traço adquirido, resultado de
18 uma longa educação, em particular da educação cristã, que ensinou as mulheres a serem
19 resignadas, a aceitar tudo". A isso, no entanto, ela acrescentou: "...elas estão deixando de
20 ser masoquistas. A prova é a dificuldade existente hoje de recrutar enfermeiras".

21 Enquanto você não sair da posição subjetiva atual, não terá como se separar do seu marido.
22 Ficaré no mesmo atoleiro. O antidepressivo talvez seja necessário, porém não propicia a
23 nova consciência de si que você precisa. Quanto antes você for procurar alguém que seja
24 digno da sua confiança e saiba escutar, melhor para você, sua filha e seu marido.

25 Na verdade, você e ele são o espelho um do outro. Ele faz de você o uso que você faz do
26 psiquiatra: um mau uso. Ele se destrói e você também. Seu casamento poderia ter inspirado
27 o poema *Destruição* de Carlos Drummond de Andrade: "Os amantes se amam cruelmente/e
28 com se amarem tanto não se vêem/Um se beija no outro, refletido/ Dois amantes que são?
29 Dois inimigos".

30 O seu marido não precisa da sua eterna complacência e sim de tratamento. Que tal dizer
31 isso a ele na próxima crise de choro? Ou mesmo antes disso. Do contrário, você estará
32 sendo cúmplice do vício e até poderá ser responsabilizada. O sentimentalismo é perigoso, e,
33 às vezes, malévolo.